



FaE
Faculdade de Educação

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS
LÍNGUAS, ARTES E LITERATURA

SAMARITANA ROCHA DA SILVA

NARRATIVAS DO POVO PATAXÓ EM ALDEIA VELHA

BELO HORIZONTE/MG

2020

SAMARITANA ROCHA DA SILVA

NARRATIVAS DO POVO PATAXÓ DE ALDEIA VELHA

Percurso acadêmico apresentado ao Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FIEI/FAE/UFMG), como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Línguas, Artes e Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Josiley
Francisco de Souza

Coorientador: Prof. Dr. Guilherme
Trielli

BELO HORIZONTE-MG

2020

Dedico este livro a minha família por ser essencial em minha vida, principalmente, à minha mãe, por estar sempre me guiando, ao meu pai Piocommel, meus irmãos e, pôr fim, ao meu leal marido, por estar sempre ao meu lado com o seu carinho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por estar em todos os momentos da minha vida.

Agradeço a meus pais por estar sempre ao meu lado me guiando e mostrando que, com foco, determinação e fé você chega lá.

Aos meus irmãos, Maria Clara, Annica e Aquitãhayo, por terem me mostrado o modo como as crianças veem o mundo, com sua sabedoria e sagacidade infantil.

Ao meu Marido, por ter tido muita paciência em minhas ausências e me incentivar a concluir o meu trabalho.

Aos meus orientadores desse percurso acadêmico, Josiley Francisco de Souza e Guilherme Trielli, pela paciência e compreensão.

A minha família FIEI (Formação Intercultural para Educadores Indígenas), professores, colegas, bolsistas e toda a coordenação.

Resumo

O presente trabalho teve como tema as narrativas de tradição oral do Povo Pataxó de Aldeia Velha. Este trabalho consistiu na observação dos lugares onde as narrativas percorrem na Comunidade Indígena Pataxó Aldeia Velha e suas relações com o território. Percebe-se que as narrativas são fundamentais para a compreensão do povo Pataxó, afinal é a partir das narrativas que conseguimos perceber as mudanças que ocorrem entre o passado e o presente. A pesquisa mostrou as atividades desenvolvidas na comunidade, tendo como base os relatos de alguns dos moradores e também fotografias tiradas dos locais onde as narrativas são transmitidas. O trabalho mostrou quanto conhecimento pode ser adquirido através de conversas e como as narrativas estão presentes no cotidiano da comunidade.

Palavras-chave: Narrativas; Povo Pataxó; Território.

Lista de Imagens

Figura 01 – Mapa das aldeias Pataxó localizada no extremo sul da Bahia	13
Figura 02 – Comunidade Indígena Pataxó Aldeia Velha	15
Figura 03 – Ypê (Silvino Lopes do Espírito Santo)	19
Figura 04 – Quintal indígena da casa de Parú	25
Figura 05 – Quintal indígena da Casa de Wandxuara Pataxó e Pio moradora da comunidade	26
Figura 06 – Quintal indígena casa de João do Sol morador da comunidade	27
Figura 07 – Jogos infanto/juvenil	31
Figura 08 – Jogos infanto/juvenil	32
Figura 09 – Escola Municipal Aldeia Velha	33
Figura 10 – Parú.....	36
Figura 11 – Sou Saci	37
Figura 12 – Caipora	39
Figura 13 – Zaber-lo-lo	41
Figura 14 – Ypê	45
Figura 15 – Macaco da Noite	46
Figura 16 – Macaco da noite	48
Figura 17 – Dona da Mata	50
Figura 18 – Seu Joselito	52

Figura 19 – O Bambu de Elefante	53
Figura 20 – Daje	56
Figura 21 – Mãe da Lua e o Bacurau	57
Figura 22 – Seu Bené	60
Figura 23 – Dois Gatinhos	61
Figura 24 – Onça	64
Figura 25 – Antônia Pataxó	67
Figura 26 – Maramaça e o Caranguejo	68
Figura 27 – Maramaça e o Caranguejo	70
Figura 28 – Samaritana Rocha	71
Figura 29 – Mandi	72
Figura 30 – João do Sol	74
Figura 31 – Delegado	75

Sumário

1. Introdução	10
2. Apresentação	11
3. Breve relato da história do Povo Pataxó e de Aldeia Velha	13
3.1. Comunidade Indígena Pataxó Aldeia Velha	15
4. Território e Memória	18
4.1. Processo de retomada Terra Indígena Aldeia Velha	19
5. Locais e sua relação com as narrativas	22
Mito de Criação Txopai Itohã	22
5.1. Quintal	24
5.2. Narrativas de rua	28
5.3. Escola	32
6. Capítulo Quatro: Narrativas do Povo Pataxó e de Aldeia Velha	35
Histórias contadas por Parú	36
Só Um Saci	37
Caipora	39
Zaber-lo-lo	41
Histórias contadas por Ypê	45
Macaco da Noite	46
Dona da Mata	50
História contada por Joselito.....	52
Bambu de Elefante	53
História contada por Daje	56
Mãe da Lua e o Bacurau	57
Histórias contadas por Seu Bené	60
Dois gatinhos	61

Onça	64
História contada por Antônia Pataxó	67
Maramaça e o Caranguejo	68
História contada por Samaritana Rocha	71
Mandi	72
História contada por João do Sol	74
Delegado	75
7. Considerações finais	78
8. Referências	80

1. Introdução

Esta monografia apresenta as narrativas do Povo Pataxó da Comunidade Indígena Pataxó de Aldeia Velha, localizada em Arraial D´Ajuda, no município de Porto Seguro – Bahia. Nossa comunidade é muito mais do campo da oralidade, pois todos os ensinamentos, primeiro, são transmitidos em forma de narrativas, que estão diretamente ligadas com a extensão do território e com o nosso cotidiano.

A partir desses pensamentos, comecei a observar por quais lugares as narrativas se manifestam no cotidiano Pataxó da Comunidade de Aldeia Velha e pude perceber que, além das noites culturais, momentos em que realizamos os rituais, temos também as narrativas que ocorrem no quintal, na rua e na escola. Ao longo deste trabalho, mostro algumas das narrativas coletadas nesses lugares.

Este trabalho tem como finalidade dar enfoque às narrativas do Povo Pataxó de Aldeia Velha, pois as narrativas são uma autobiografia coletiva da comunidade. Assim, tive várias conversas com: João do Sol, ancião da comunidade; Ypê, o primeiro cacique; Marialva, professora; Paru, atual diretora da Escola Indígena Pataxó Pataxi Makiamé (Escola Indígena Pataxó Aldeia Velha). Todos narraram sobre suas vidas e experiências vividas. Junto à apresentação de narradores e suas histórias, apresento fotos dos lugares onde pude observar as narrativas.

Este trabalho está organizado em quatro capítulos. O primeiro capítulo apresenta a história do povo Pataxó. O segundo capítulo é dedicado ao território e à memória, em que busco discutir como memória e território estão interligados na formação da identidade cultural indígena do Povo Pataxó de Aldeia Velha. No terceiro capítulo, discorro sobre os lugares onde as narrativas estão mais presentes. No quarto e último capítulo, apresento, de forma mais próxima da oralidade, as narrativas coletadas nas conversas com os moradores da comunidade.

2. Apresentação

Meu nome é Samaritana Rocha da Silva. Sou filha de Antonia Gonsalves da Silva, conhecida como Wandxuara Pataxó, e Osmar Rocha Reis. Nasci em Arraial D´Ajuda, município de Porto Seguro, no dia 25 de novembro de 1994, após um parto difícil com parteira. Meus pais moraram juntos por algum tempo, quando eu tinha 7 anos de idade decidiram se separar. Então minha mãe conheceu o Erisvaldo Pereira da Silva, que gosta de ser chamado de Pio, com quem teve mais três filhos: Maria Clara, de 16 anos; Annica, de 12 anos; e Aquitãhaya, de 8 anos.

Após minha casar com Pio, nasceu Maria, e fomos morar em outro bairro, nessa época vovô (João Marques, mais conhecido como João do Sol) estava morando na Aldeia e nosso bairro ficava muito próximo de onde ele morava, mais ou menos a 20 minutos de caminhada. Íamos todo os fins de semana visitar Vovô, a visita consistia em faxinar sua casa, fazer a comida, em cuidar dele, pois morava ele e um dos filhos, João Curador (é chamado assim porque, quando criança, costumava brincar com um galho de mato dizendo que sabia rezar). Curador mora com vovô até hoje, pois tem retardo mental. Nós moramos por três anos nesse bairro, saímos porque minha sentiu que Vovô necessitava de mais atenção e, então, em 2006, fomos morar do lado de Vovô. Desde antes de Vovô ir morar na Aldeia, nós morávamos no mesmo terreno, nossa relação sempre foi cheia de afeto e narrativas.

A partir desse momento, começa o meu percurso dentro da Comunidade Indígena Pataxó de Aldeia Velha, estava com 12 anos e, nessa época, na Aldeia Velha, ainda não existia escola com o ensino fundamental II e, como fazia a 6ª série, era obrigada a estudar fora da comunidade. Em 2010, decidimos entrar para o Grupo da Cultura. O Grupo da Cultura como chamamos aqui na comunidade é um grupo formado principalmente pelos jovens e alguns adultos que tem um grande conhecimento da Cultura Pataxó com intuito de fortalecer nossos conhecimentos tradicionais, o Grupo está sempre fazendo movimentos culturais que reafirmam nossos direitos como indígenas. Por isso decidir entrar com a intenção de estabelecer uma maior afinidade com as causas da comunidade. Foi nesse período que aprendi mais sobre o meu povo, a luta pelo território e ouvi muitas narrativas. As narrativas são fundamentais na construção

e identificação do povo, mantêm a história viva e valorizam a cultura dos nossos ancestrais. Por isso, sinto a necessidade de frisar sua importância em nossas vidas e como estão presentes em nosso cotidiano.

Como um dos pontos de afirmação cultural era fazer apresentações fora da comunidade passei a acompanhar o Grupo da Cultura nessas apresentações a ir nas reuniões de comunidade, manifestações, palestras e seminários. Um ano antes, em 2009, fiz o processo seletivo para estudar no IFBA (Instituto Federal da Bahia), ensino médio e técnico. Fui aprovada e comecei a estudar em 2010. Recebia o auxílio de bolsas para conseguir me manter, porque minha família não conseguia custear mais esse custo extra.

Tinha que pegar o ônibus, atravessar na balsa e pagar outro ônibus até a escola. Acordava às 5h da manhã todos os dias, pois a aula começava às 7h. Passava o dia estudando, não conseguia dormir, sempre preocupada com as provas. Quando estava no segundo ano do ensino médio do IFBA, em 2012, decidi sair do curso técnico. Tinha acabado de fazer 18 anos.

No ano seguinte, fiz os exames supletivos realizados na Bahia pelas Comissões Permanentes de Avaliação, no Colégio Estadual Armando Ribeiro Carneiro – Eunápolis (BA) –, para pegar conclusão do ensino médio e, em 2014, após passar em todas as provas, consegui o certificado de conclusão. Em 2016, decidi fazer o vestibular da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) e foi uma grande surpresa quando soube que havia sido aprovada para o FIEI (Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas).

Ao longo da infância e adolescência, ouvia as histórias vivenciadas pelos meus familiares e as achava fascinantes. Lembro-me, em especial, da minha tia Geânia, irmã do meu pai biológico, quando ia todo sábado à sua casa e ela me contava as histórias que lia. Foi assim que comecei a ler, aos 11 anos.

Tanto pessoas da aldeia quanto da minha família adoram narrar suas histórias, e eu cresci ouvindo-as, por isso senti a necessidade de contar suas narrativas, claro que neste trabalho não poderei colocar as histórias de todos, mas deixo a brecha para trabalhos futuros.

Outra motivação que me levou a fazer um trabalho sobre esse tema foi, principalmente, pela forma com que fui criada, sempre ouvindo narrativas, por isso gostaria de homenagear com esse trabalho o meu avô, que sempre me conta as mesmas narrativas, como se fosse a primeira vez.

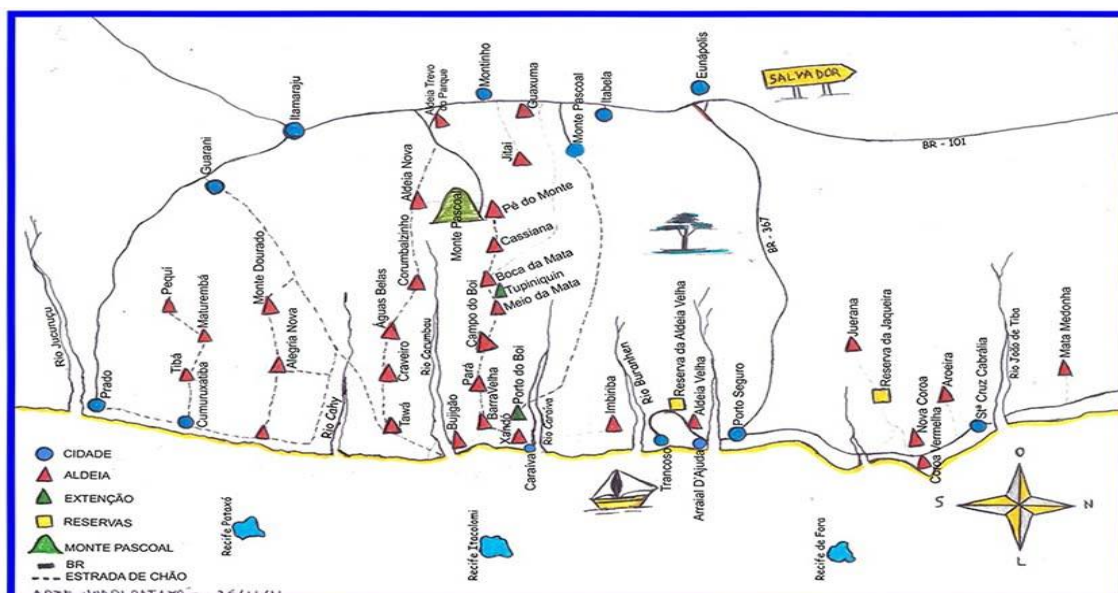
3. Breve relato da história do Povo Pataxó e de Aldeia Velha

Muito antes de os portugueses chegarem ao nosso território, antes do contato com o branco, o Pataxó era um povo livre. Vivia da caça, da pesca e da coleta de raízes, frutos e mariscos, entre outros. Nossa mata era rica e saudável. Morávamos em choças feitas de galhos finos de árvores e éramos possuidores de uma grande vastidão de terra, como detalha o plano de gestão da Funai (2012, p. 25). O povo Pataxó vivia tradicionalmente no litoral e entre os rios de Porto Seguro e Belmonte, o povo costumava migrar do extremo sul da Bahia até o Norte do Espírito Santo. Era um povo nômade, mas desde o ano de 1861 foi obrigado a viver em aldeamento.

A literatura afirma que em abril de 1861 o governo da província determinou o aldeamento forçado do Pataxó próximo ao rio Corumbau, na Aldeia de Bom Jardim atual Barra Velha. Segundo relato dos Pataxó mais antigos, eles habitavam diversas regiões do litoral e foram se deslocando para Barra Velha, formando a aldeia. (2012, p.29, CARDOSO)

Na atualidade, existem trinta aldeias localizadas no território de Porto Seguro e regiões contíguas, há também três aldeias no município de Carmésia, em Minas Gerais.

Figura 01 – Mapa das aldeias Pataxó localizadas no extremo sul da Bahia



Fonte: Mapa elaborado por Juari Braz e Rodrigo Pataxó, durante a oficina do Núcleo de Pesquisa Pataxó e reeditado por Aricema Pataxó em 2012.

Atualmente, as principais fontes de renda dos Pataxó são: etnoturismo, artesanato, pesca, pecuária, agricultura, apicultura, entre outros. Os Pataxó usam o português como primeira língua, entretanto, no ano de 1998, iniciou-se um movimento forte de retomada da língua, pois as lideranças e os mais velhos se preocupam muito com a possível perda da cultura e língua, já que com o tempo, elas sobreviviam apenas na memória dos anciões, através dos cantos, e nas palavras do seu cotidiano.

O medo de uma possível perda da cultura e língua foi o ponto motivador para que os jovens e professores das aldeias Pataxó decidissem dá início ao *Projeto de Pesquisa e Documentação da Cultura e Língua Pataxó*, formando assim um grupo de pesquisadores indígenas que faziam partir Anari, Ajuru, Aruã, Awoy, Katão, Jandáia, Jerry Matalawê, José da Conceição (Itajá), Naiara e Nitxinawã.

O movimento surgiu após à constante lutar pela demarcação dos territórios. Tendo como ponto de partida a retomada da Reservada Pataxó da Jaqueira em 1997, pertencente a Terra indígena de Coroa Vermelha, município de Santa Cruz Cabralia.

Em 1999, o grupo da Jaqueira havia criado uma associação, a ASPECTUR (Associação Pataxó de Ecoturismo) e, a Partir daí, começou a desenvolver projetos voltados à preservação ambiental e às atividades culturais Pataxó. Neste mesmo ano, esses Jovens se reuniram e decidiram elaborar um projeto para dar continuidade aos registros que haviam iniciado com alguns mais velhos em Coroa Vermelha, tanto das histórias quanto da língua pataxó, e ampliar a pesquisa para outras aldeias. (BOMFIM, 2012, p.71).

A pesquisa deu bons resultados apesar de alguns estudiosos em língua afirmar que seria praticamente impossível fazer a reconstrução da língua Pataxó, pois somente os mais velhos falavam a língua e mesmo assim não tão fluente. Entretanto com a ajuda dos anciões e de matérias tecnológicos o grupo de pesquisa pode fazer uma cartilha Pataxó e então socializar nas comunidades para que pudesse ser ensinada nas escolas. Com a cartilha pronta as comunidades indígenas começaram a fazer pressão na secretaria de educação para que pudessem implementar um professor de cultura, essa foi uma grande conquista do povo.

Hoje em dia, o ensino da língua materna é obrigatório nas escolas indígenas Pataxó, tanto da Bahia quanto nas escolas indígenas Pataxó que

ficam no estado de Minas Gerais. Nossa língua materna recebeu o nome de Patxohã, que significa *Língua de Guerreiro*.

O breve relato mostra o quanto o povo Pataxó conseguiu resistir e resistir até os tempos atuais e mostra também a importância da memória, porque sem ela não conseguiríamos ter uma identidade cultural própria, que quase se perdeu depois de tantos anos de massacre. A resistência dos mais velhos foi fundamental para a retomada da cultura e da língua, suas narrativas serão sempre passadas para as novas gerações.

3.1. Comunidade Indígena Pataxó Aldeia Velha

Figura 02 – Comunidade Indígena Pataxó Aldeia Velha



Fonte: Fotografia Samuel, acervo Vânia

A Comunidade Indígena Pataxó Aldeia Velha está situada em Arraial D´Ajuda, município de Porto Seguro (BA), a 716 km de Salvador, com uma área de 2.002 hectares. A aldeia passou pelo processo de retomada em 1998, com cerca de 23 famílias. Atualmente, moram mais de trezentas famílias na aldeia.

As famílias têm como meio de sobrevivência a coleta de marisco do manguezal, a pesca, a venda de artesanatos e a prestação de serviços para o distrito, como na hotelaria, na construção civil, em mercados e lojas, na

educação e na saúde, entre outros. A comunidade está praticamente dentro do Arraial D´ajuda.

Trata-se de uma comunidade de tradição oral e todo ensinamento costuma ser passado de geração para geração, independentemente do fato de haver uma escola com ensino da escrita, intercultural e diferenciada: intercultural porque reconhece e mantém a diversidade cultural e linguística de sua comunidade; diferenciada porque é concebida e planejada de acordo com a particularidade do seu povo, tendo autonomia em relação à construção da escola junto à comunidade.

Mesmo tendo essa especificidade, a Escola Indígena de Aldeia Velha está mais vinculada ao campo da oralidade do que da escrita, pois, no contexto indígena, a oralidade é ensinada desde cedo, afinal é sempre usada para a melhor compreensão da realidade indígena. Por exemplo: quando o professor está dando aula sobre o território, sempre vai com a classe até um ancião em busca de mais conhecimento sobre as lutas e conquistas do povo. A oralidade está ligada diretamente ao território, pois em cada espaço existe uma vivência e uma narrativa correspondente, que nos fazem entender as mudanças ocorridas ao longo da história do território.

Considerando-se o território, é importante entender como foi o processo de construção da comunidade indígena de Aldeia Velha, uma narrativa muito presente no cotidiano da comunidade e que é ensinada desde cedo aos mais novos. O território que hoje é chamado de Aldeia Velha era uma fazenda com o nome de Santo Amaro, que muito antes havia sido um assentamento jesuíta intitulado pelo mesmo nome, como nos contam os mais velhos.

Quando houve o processo de luta pela terra, o nome foi alterado, passando a ser chamada de Aldeia Velha, como uma forma de lembrar e reafirmar a nossa presença desde tempos imemoráveis. A afirmação de um povo só é possível através da memória narrada. Quando asseguramos que estamos nesse território, desde tempos imemoráveis, indicamos que nossas narrativas estão sendo passadas de geração a geração e que território e oralidade estão interligados, formando uma espécie de autobiografia da comunidade.

É justamente por isso que decidi fazer meu trabalho de conclusão de curso sobre as narrativas do povo Pataxó e de Aldeia Velha. De forma geral, irei citar algumas narrativas que fazem parte do povo Pataxó e contribuem para

manter a identidade cultural indígena Pataxó, mesmo que hoje o povo esteja aldeado. A história do povo é contada para cada criança desde muito cedo. Desse modo, toda criança conhece as narrativas do seu povo. Com mais detalhe, falarei das narrativas da comunidade indígena de Aldeia Velha, até porque pertencço a essa aldeia e são justamente as narrativas dessa comunidade que me motivaram a realizar uma pesquisa acadêmica sobre essa temática.

As narrativas são fundamentais na construção e na identificação do povo, tal como indicado acima, mantendo a história viva e valorizando a cultura dos nossos ancestrais. Por isso, sinto a necessidade de frisar sua importância em nossas vidas e mostrar como as narrativas estão presentes em nosso cotidiano.

O Pataxó é um povo de fortes narrativas, isto é, narrativas que falam da lutar pela terra, da sobrevivência e resistência, e são essas narrativas que estão presentes na memória coletiva do povo. A memória é um fator importante quando se trata da legitimação indígena, do que é ser índio. Ser indígena é carregar consigo a história do seu povo e ter a responsabilidade de assegurar que esta narrativa terá sempre continuidade, e ensinar, por exemplo, que o nome Pataxó vem da observação do som do mar.

Os mais velhos contam que, certo dia, um grupo de índios estavam pescando pelo litoral quando ouviu o som das águas do mar, batendo nas pedras. O primeiro encontro com a rocha fazia “PA”, as águas subiam e, ao descerem, batiam novamente nas pedras fazendo “TA”, e ao retornarem para o mar faziam “XÓ”. E assim se originou o povo Pataxó, um grupo nômade que vivia livremente no litoral. O mito de criação é muito conhecido dentro da cultura Pataxó e é sempre ensinado às crianças, principalmente em noites culturais, na escola, em casa pelos pais, quando conversamos com os anciões.

4. Território e Memória

As definições de território estão condicionadas ao espaço/lugar por maneiras que muitas vezes são ditas e respeitadas a partir de crenças geográficas ensinadas nas escolas “brancas” que não detêm um olhar que considere outras formas de ver a terra. Para os povos indígenas a terra é essencial para viver e resistir, a forma de como olhamos o território traz conosco uma memória ancestral, pois no território corre o sangue que foi derramado dos nossos ancestrais e os vestígios do nosso povo antigo.

Como comecei o capítulo pensando nas crenças populares ensinadas pela matéria de geografia nas escolas “brancas” sobre o que é território, acho importante pontuar quais são as crenças que a geografia impõe de forma tão convincente que impede de perceber que para as sociedades originais o conceito de terra difere de tais crenças como: 1) o território é um espaço delimitado pelo uso de fronteiras não necessariamente visíveis e que se consolida a partir de uma imposição de poder; 2) o território é usado para estudar as relações entre o espaço e o poder desenvolvido pelos Estado; ou até mesmo que 3) todo o território (mar, terra (solo e subsolo) e espaço aéreo são pertencentes ao Estado.

O Estado apropria-se do território como um objeto e essas definições são transmitidas à sociedade como verdadeiras e eternas. Em contrapartida, para o Pataxó, o território é pensado como um bem comum, pertencente à comunidade inteira, pois a terra é a vida e é onde se planta, colhe e onde foram enterrados os antepassados; é onde está o passado e o futuro, a memória está gravada nela e nas narrativas contadas através do tempo. O território aqui transcende a ideia de um mero objeto e passa a ser algo essencial para a vida do povo, e é justamente por isso que o povo resiste. Em uma entrevista ao STJ (Superior Tribunal da Justiça), o cacique Suruy afirma: “O chão é tudo para a gente. A terra representa vida, representa amor, lutar e sentido de viver. Nós viemos da terra”. (“A Série 30 anos, 30 histórias”, publicada pelo jornal STF, 2019).

As discussões sobre o território são também uma discussão política, pois é impossível falar de território e não pensar que o povo Pataxó vem desde 1500 lutando pela terra, dizendo que a terra é mais que um objeto e um bem material. Os mais velhos sempre dizem: “muito sangue foi derramado e muito ainda será, porque o povo não vai desistir da lutar”. Ao longo das minhas conversas

informais com Wandxuara Pataxó, sobre a importância das terras indígenas, ela dizia que a demarcação é muito importante para a proteção do povo, da cultura e das particularidades de cada aldeia; pois por mais que o povo Pataxó seja um povo grande, cada aldeia tem sua característica.

Do modo indígena, pensar no território é também pensar na memória. Afinal, território e memória estão interligados, como, por exemplo, em 1998, quando se deu a segunda e definitiva fase do processo de retomada da Terra Indígena de Aldeia Velha. O ex-cacique Ipê conta que conhecia e se lembrava da terra, por isso ele sabia que ali era um território indígena. Diz que no município de Arraial D´Ajuda e redondezas havia muitos indígenas que não moravam em aldeias.

O ex-cacique Ipê só participou do processo de retomada da terra de Aldeia Velha porque se lembrava, ou seja, tinha memória clara de que o povo havia habitado aquele local e, na época, ainda existiam alguns indígenas morando no território. Tudo corroborou para que a retomada fosse um sucesso e hoje, quase 21 anos depois, as narrativas sobre a retomada da Terra Indígena de Aldeia Velha são vivas e estão sendo contadas e recontadas por todos, preservando a memória coletiva do povo.

4. 1. Processo de retomada da Terra Indígena de Aldeia Velha

Figura 03. - Ypê



Fonte: acervo Ypê

É impossível pensar em território e memória e não contar uma das principais narrativas de Aldeia Velha. O processo de retomada foi iniciado por

Silvino Lopes do Espírito Santo, comumente chamado de Ipê, primeiro cacique de Aldeia Velha.

Ele nasceu às margens do rio Norte, no distrito de Caraíva, próximo à aldeia Barra Velha, no dia 5 de janeiro de 1955. Morou em Caraíva até os 18 anos, cresceu dentro da mata e sobreviveu da pesca de peixes, mariscos e também de caças. Era um local povoado por poucos indígenas, mas por ameaças de fazendeiros, eles tiveram que deixar o local.

Com seus pais, foi morar em Arraial D´Ajuda, onde permaneceu por aproximadamente dois anos, indo posteriormente morar na cidade de Itabela, na época distrito também de Porto Seguro. Em Itabela, constituiu família. Após quinze anos morando ali, mudou-se com a família para a aldeia de Coroa Vermelha, tornando-se uma das lideranças da aldeia e lutando constantemente em conjunto com outras lideranças, com o objetivo de demarcar o território de Coroa Vermelha. Foi então que começou a ter conhecimento sobre os direitos indígenas.

Aí que fez eu me envolver também na questão indígena. Porque, vez a gente tá de fora do trabalho, a gente não tá sabendo de nada, mas quando a gente começa a entrar envolvendo no trabalho, a gente vê. A gente descobre muita coisa, e a gente aprende também muita coisa. Aí que começou eu me envolver. Aí... aquilo me tocou também, né? Me tocou que, geralmente, esses índios daqui [de Arraial d'Ajuda] precisavam de apoio também, porque vivia aí, né? Eu conhecia muito bem a situação de todos. Aí eu comecei a me envolver nessa questão.

Quando retornou a Arraial D´Ajuda, buscou reunir os indígenas não aldeados que moravam no entorno para que pudessem retomar a Terra Indígena de Aldeia Velha, que na época era chamada fazenda Santo Amaro. Ipê tinha um interesse maior para com os indígenas que nunca haviam morado em aldeia ou que, na ocasião, não moravam, pois para ele os que moravam em aldeias já participavam da luta pelo território, e ele não queria tirá-los e com isso enfraquecer a luta das aldeias da região pela demarcação do território. Por isso, decidiu que, para ocupar o território de Aldeia Velha, deveria chamar indígenas não aldeados que moravam na região de Arraial D´Ajuda, como Sapurara, Vale Verde, Eunápolis, Itabela...

Aí comecei a fazer esses trabalhos com os índios que estava fora das aldeias que dá o nome de desaldeados, que através desse trabalho que fiz. Eu fiz esse resgate, resgate dos índios que vivia fora e também esse resgate da terra. Então foi um processo muito longo, né? Começou em 1992 e parei em 2008, né? Primeiramente reuni as

famílias indígenas que tava fora da aldeia e comecei ir na casa deles fazer as caminhadas. Conseguimos conquistar essa área de terra...

Antes de iniciar o processo de retomada, Ipê conta que fez uma pesquisa nos anos de 1992 e 1993 para confirmar sua suspeita de Terra indígena. Descobriu então moradias antigas. Afirma que “antes já tinha aldeia, mas só que os índios não vivia aqui dentro porque os fazendeiros chegaram e tiraram os índios para outra localidade e aqui vivia só os fazendeiros”. Após pesquisa confirmada como Terra Indígena, ele reuniu as famílias e iniciou a ocupação, que finalmente, em 1998, após um grande período de luta pela terra, Ipê, juntamente com algumas famílias, conseguiu retomar a fazenda Santo Amaro, tornando-se, então, o primeiro cacique de Aldeia Velha e permanecendo como cacique até o ano de 2008.

Atualmente, Ipê é divorciado, tem 10 filhos e 15 netos. Mesmo não sendo mais o cacique, é ainda uma das principais lideranças da comunidade, um sinônimo de inspiração e, com toda certeza, divulgador de fortes narrativas, motivo pelo qual o escolhi para fazer parte do meu trabalho.

5. Locais e sua relação com as narrativas

Neste capítulo, irei contar por quais caminhos as narrativas andam e quais formas tomam para serem ouvidas em seus lugares de transmissão, quem narra e em quais lugares tais narrativas predominam. A intenção deste trabalho não é classificá-las, mas entender que na comunidade existem locais onde uma narrativa predomina mais que outras, e não caberia dentro de uma classificação que levasse em conta apenas os tipos de narrativas, pois as mesmas histórias podem ser narradas em diferentes momentos e serem repetidas por outras pessoas em outras situações.

Os locais, por outro lado, contam uma narrativa que pode ou não ser complementada pela voz, como por exemplo: o sambaqui, montante de ostras, conchas e fornos antigos, um local tão ancestral que não precisa da voz para contar sua história. Isso só é possível porque para nós Pataxó a terra não é apenas terra e o Sambaqui foi o local que afirmou nossa existência desde tempos imemoráveis fator principal para a demarcação do território. Quando digo tempos imemorable é porque nossos antepassados faziam suas refeições no Sambaqui deixando vestígios, o local mostrar a força e resistência do Povo Pataxó. Nesse caso, a paisagem narra por ela mesma a sua ancestralidade.

Temos também as varandas culturais, que são noites culturais realizadas uma vez por semana na casa de um morador diferente da comunidade. São nesses momentos, ao redor da fogueira, após fazer o ritual à noite com canto e dança Pataxó que as narrativas mitológicas surgem. A fogueira e a noite remetem à ancestralidade e isso faz com que as narrativas contadas nesses momentos sejam imemoriais, ou seja, narrativas que falam de um tempo remoto. No mito de Txôpai Itohã, apresentado abaixo, conta-se que ele foi o primeiro índio a habitar a terra e, a partir dele, começou a criar coisas, que facilitariam a vida do índio. Na cultura Pataxó, Txôpai é um deus muito conhecido e valorizado.

Mito de criação Txôpai Itohã

Antigamente, na terra, só existiam bichos e passarinhos, macaco, caititu, veado, tamanduá, anta, onça, capivara, cutia, paca, tatu, sariguê, teiú, cachichó,

cágado, quati, mutum, tururim. Jacu, papagaio, aracuã, macuco, gavião, mãe-da-lua e muitos outros passarinhos. Naquele tempo, tudo era alegria. Os bichos e passarinhos viviam numa grande união. Cada raça de bicho e passarinho era diferente, tinha seu próprio jeito de viver a vida. Um dia, no azul do céu, formou-se uma grande nuvem branca, que logo se transformou em chuva e caiu sobre a terra. A chuva estava terminando e o último pingo de água que caiu se transformou em um índio. O índio pisou na terra, começou a olhar as florestas, os pássaros que passavam voando, a água que caminhava com serenidade, os animais que andavam livremente e ficou fascinado com a beleza que estava vendo ao seu redor. Ele trouxe consigo muitas sabedorias sobre a terra. Conhecia a época boa de plantar, de pescar, de caçar e as ervas boas para fazer remédios e seus rituais. Depois de sua chegada na terra, passou a caçar, plantar, pescar e cuidar da natureza. A vida do índio era muito divertida e saudável. Ele adorava olhar o entardecer, as noites de lua e o amanhecer. Durante o dia, o sol iluminava seu caminho e aquecia seu corpo. Durante a noite, a lua e as estrelas iluminavam e faziam suas noites mais alegres e bonitas. Quando era à tardinha, apanhava lenha, acendia uma fogueirinha e ficava ali olhando o céu todo estrelado. Pela madrugada, acordava e ficava esperando clarear para receber o novo dia que estava chegando. Quando o sol apontava no céu, o índio começava o seu trabalho e assim ia levando sua vida, trabalhando e aprendendo todos os segredos da terra. Um dia, o índio estava fazendo ritual. Enxergou uma grande chuva. Cada pingo de chuva ia se transformar em índio. No dia marcado, a chuva caiu. Depois que a chuva parou de cair, os índios estavam por todos os lados. O índio reuniu os outros e falou: — Olha parentes, eu cheguei aqui muito antes de vocês, mas agora tenho que partir. Os índios perguntaram: — Pra onde você vai? O índio respondeu: — Eu tenho que ir morar lá em cima no ITOHÃ, porque tenho que proteger vocês. Os índios ficaram um pouco tristes, mas depois concordaram. — Tá bom, parente, pode seguir sua viagem, mas não se esqueça do nosso povo. Depois que o índio ensinou todas as sabedorias e segredos, falou: — O meu nome é TXOPAI. De repente o índio se despediu dando um salto, e foi subindo... subindo... até que desapareceu no azul do céu, e foi morar lá em cima no ITOHÃ. Daquele dia em diante, os índios começaram sua caminhada aqui na terra, trabalhando, caçando, pescando, fazendo festas e

*assim surgiu a nação pataxó. Pataxó é água da chuva batendo na terra, nas pedras, indo embora para o rio e o mar.*¹

Nesse lugar de fala, onde o que mais predomina são as narrativas ancestrais, temos também: “A mãe da lua e o bacurau”; “A lenda da amesca”; “A lenda da patioba”. Em minha memória e na memória de vários de meus parentes Pataxó, a fogueira foi o primeiro lugar onde se ouviram tais narrativas. Porém, a escola também desempenha um papel muito importante de trabalhar com as crianças, principalmente nos anos iniciais, essas narrativas ancestrais.

5.1. O Quintal

Outro lugar de transmissão de histórias altamente presente na comunidade é o quintal. Trago o quintal como o lugar em que está presente uma narrativa muito específica para o povo: as narrativas de vivências, um lugar onde o ancião tem a total liberdade para falar do seu conhecimento vivido, podendo ser narrativas que falam de plantas medicinais, uma experiência do passado, uma dor sofrida ou alegria. O quintal também é o local onde a família se reúne para contar narrativas do dia a dia, algo engraçado que foi vivenciado, de fazer a roça e cuidar dos animais, fazendo tudo isso ao redor dos filhos. O quintal é o local também de receber as visitas.

¹ Mito narrado por Apinhaera Pataxó (Sijanete dos Santos Brás) e escrito por Kanátio Pataxó (Salvino dos Santos Brás), texto impresso e divulgado pelo PROGRAMA DE IMOLANTAÇÃO DAS ESCOLAS INDÍGENAS DE MINAS GERAIS.

Figura 04 – Quintal, Parú

Fonte: acervo da autora

A comunidade indígena de Aldeia Velha tem por tradição ter quintais razoavelmente grandes, onde é possível fazer uma “roça” que tenha todo tipo de plantaço: hortaliças, árvores frutíferas e ervas, tudo misturado e com grande variedade. É também muito comum termos animais, como cachorros, gatos, galinhas e passarinhos. Isso é um quintal para nós, Pataxó. Nesse local que é tão natural para as famílias da comunidade, é o local onde os conhecimentos antigos são ensinados. “Ao visitar um ancião na Comunidade, ele sempre irá oferecer um cafezinho, vai dizer para ficar confortável e te chamar para sentar no quintal.” Isso ocorre porque o quintal é um lugar confortável para nós, é onde os nossos pais e avós conversam conosco de formar livre, não há exatamente uma hora do dia para ficar no quintal, normalmente os anciões ou os pais costumam passar o dia no quintal, colhendo e plantando ervas, hortaliças e plantas no geral. Há também os momentos após o almoço em que sentamos no quintal para conversar sobre o dia-a-dia da comunidade

Figura 05 – Quintal, Wadxuara Pataxó e Pio



Fonte: acervo da autora

É atualmente o lugar onde mais se contam narrativas de vivência, pois os mais velhos se sentem bem em estar no seu quintal, ou seja, o quintal é seu território particular e é justamente por isso que nesse local as narrativas correm mais à vontade.

Como afirma Alcoforado (p.61):

Quando a oralidade é o único veículo de comunicação, como nas sociedades iletradas, as formas fixas artísticas são a maneira própria dessa sociedade transmitir seus valores e seus sentimentos às gerações mais novas. As correções que uma mãe deseja fazer a um filho, por exemplo, são efetuadas através de narrativas.

Na realidade Pataxó, as correções que a mãe ou o ancião desejam fazer ao filho em forma de narrativa será em um lugar específico que trago no texto como quintal.

Em minha convivência com meu avô João Marques, mais conhecido como João do Sol, ancião de Aldeia Velha, ao fazer alguns relatos da sua vida (vivência), sempre faz no quintal embaixo do pé de caju. Sua narrativa sempre fala da época que “Jogava facão” ou de quando enfrentou pistoleiros para

defender sua terra e de seus companheiros de fazendeiros que tentavam tomá-la.

Figura 06 – Quintal, João do sol



Fonte: Acervo da autora

João do Sol em uma narrativa no quintal conta que:

“E nesse perido que eu tava lá... o próprio... que tava tomando conta de lá de Itaquena, quer ia tomar umas terras que o irmão do meu cunhado tinha lá, né?, era registrado e titulado essa terra e ele imprecou pá tomar, ai foi a causa de i pra justiça, 6 anos de justiça nós trabalhemos pá poder vencer, né, ai ele meação, né, o pai do meu cunhado e o pai do irmão do meu cunhado, meação pra mata, ai quando eu vir quê eles ia mata o pai do meu cunhado, eu disci aqui pa Porto Seguro e avisei a eles, ai o devogado, encontrei com o adevogado chama Doutor Casilano, ai Doutor Casilano já tinha um júri... que aqui não tinha comarca não, a comarca era uma casa que tinha históllica que vai pro paquetá, ai eu cheguei e ele comentou eu me apresentou pro juiz de direito que era Doutor Antônio, ai eu contei tudo direitinho, e aí o Doutor Antônio me confio em mim porque eu falei a verdade e aí quando veio um dia vim cá avisa eles de novo, ai

quando nos decimos na praia de mucugê pá ir pro rio da barra e taípe, quando ele levantou meteui repetição no vêio, quando meteui repetição no vêio eu não vou negar eu tava armado também, eu tava com revolver na cintura e eu seguir em cima dele, falei pra que era duas queda, era o pai do meu cunhado e ele também ai ele se chamava, esse criminoso chamava... eu cheguei falei pra ele disse “ôí... disse que não tem questão comigo, mais já pegou porque eu não vou deixar meu cunhado morrer nas suas mãos, se tiver junto comigo morre todos três”, ai então foi isso que nos trabalhemo, né ai foi obrigado que o pai do meu cumpadre tinha um gadozinho lá vendeu tudo para pagar um devogado”.

Relato que João do Sol faz da briga pela terra de Itaquena. Itaquena é um vilarejo que fica entre Itaporanga e Caraíva. Na época, era muito comum que os indígenas ficassem espalhados pela costa de Porto Seguro, afinal podia chegar a qualquer vilarejo pela praia, sendo está a rota mais rápida e fácil.

5.2. Narrativas de rua

Continuando as discussões sobre os lugares onde as histórias são contadas, chegamos à a rua, onde as crianças costumam brincar. É relevante trazer tais narrativas, pensando que a forma como as crianças aprendem, principalmente quando se trata da cultura, é também uma forma de narrativa. Afinal, ninguém diz como a criança deve aprender quando se trata de cultura, ou seja, ninguém diz a elas: *“Olha, presta atenção para que você aprenda sobre a cultura.”*

É justamente ao contrário, as crianças são muito observadoras, pois de forma indireta são ensinadas a ser assim, por exemplo, é do costume indígena Pataxó aprender a cuidar dos irmãos mais novos, ir para a roça ajudar os pais.

Trago o exemplo de uma família de apicultores moradora de Aldeia Velha, cujos filhos são pequenos apicultores. Isso faz parte de um processo que sempre ocorreu nos territórios, mas que agora denominamos como educação indígena. Em seu breve relato, Annica, a terceira filha desse casal de apicultores, conta um pouco do seu ponto de vista e sua visão com relação ao trabalho de sua

família. Ela não vê sua participação como uma obrigação, mas como uma forma de viver e ter uma boa alimentação.

Em seu breve relato conta:

“Trabalho com meus pais de abelhas, quando meu pai tira a captura ele vai pra uma casinha... prepara o mel, ai a gente vai lá e tira o mel pra vender, então a gente corta os favos pra gente colocar na vasilinha com um pouco de mel pra vender também, a gente tipo faz muito isso até que esse dinheiro sustenta muito a nossa... família e melhora a nossa alimentação”

Maria Aparecida, mais conhecida como Paru, é a atual diretora da Escola Indígena Pataxó de Aldeia Velha. Em uma conversa no quintal, contou que para ela era comum ir com os pais pescar, colher frutas e buscar cipó para fazer cesto. Ela diz que:

“Por mais que não conseguisse fazer o que era pedido pelos meus pais, mas estava ali observando e brincado e desta forma fui aprendendo”

Ela também conta com detalhes quais trabalhos os pais faziam, como por exemplo:

“Além da caça, da pesca e da agricultura eles também produzia artesanatos. Tipo arcos, flechas e lanças e também fazia cestos, né, fazia chapéu de cipó, fazia bolsas, fazia várias coisas de cipó, de taboa também esteira. Tanto que quando minha mãe ia pra floresta fazer coleta de cipó, eu falava assim, “há mãe eu quero ir também”. “Mais você é muito pequena minha filha, não vai, não”. “Eu quero ir, eu quero aprender a colher cipó”. “Ela tá bom, eu vou levar você”.

Ai eu botava uma calça, botava um casaco porque de mosquito, né, não tinha repelente, nem sabia o qui quera isso, ai eu ia né. Ai lá enquanto ela e meu irmão mais velho estava colhendo cipó eu por ser tão pequena, ai invece deu colher, ai eu ficava ingangorando, pendurava no cipó ingangorando, ai assim foi uma forma deu aprender, aprendi a coletar cipó através da brincadeira, pra mim eu estava brincando, mas pra eles eu estava ajudando a coletar cipó.”

No relato contado por Paru, observamos o quanto a criança pode brincar e aprender ao mesmo tempo. A minha mãe sempre dizia que “brincava com a irmã mais nova escancarada no colo”.

O fato de a criança brincar e ter que ao mesmo tempo prestar atenção ao irmão, mostra o quanto ela se torna observadora. De modo que, para as crianças, é a partir da observação que aprendem a cantar, o modo de bater os pés, o seu lugar no ritual e nas noites culturais, aprendem a ouvir principalmente as narrativas que a comunidade conta.

Mas elas não ficam somente na observação. Após a observação, elas reproduzem de maneira única o que aprenderam e transmitem em forma de brincadeiras. É comum vermos as crianças pegarem o maracá e irem brincar de ritual, corrida de maracá, cabo de guerra na rua. Há outras brincadeiras que são inventadas por elas na hora e que, na verdade, são reflexos de sua visão de mundo. Podemos encontrar as narrativas de brincadeira facilmente na rua, onde as crianças são livres para se expressar.

Marialva começou sua carreira como professora em 2001 na casa do ex-cacique Ipê, logo após na própria farinheira. Ela conta que o espaço era dividido entre fazer farinha e dar aula, diz que era muito engraçado, pois quando dava o final da aula, as cabeças das crianças estavam todas brancas do pó da farinha.

“Era muito divertido, era embaixo do pé de manga, todos, tanto criança quanto os jovens e os adultos participavam e de maneira ativa mesmo, fazendo as brincadeiras”

Os professores e moradores da comunidade deixavam de dar aula para ir brincar e contar narrativas na rua em baixo do pé de manga, faziam brincadeiras como, “pau no lito”, “baleado” e “amarelinha”. Com o tempo, as brincadeiras foram mudando até chegar nas brincadeiras de corrida de maracá e cabo de guerra.

A rua sempre foi o local onde as crianças contam suas narrativas de brincadeiras. Em conversas informais com a pajé Jaçanã, ouvi que:

“Antes, quando a aldeia era pequena, as famílias se reunia e saía pela rua contando, dançando e fazendo brincadeira, conta que senti falta por que ninguém que fazer mais isso hoje.”

Figura 07 – Jogos infanto/juvenil



Fonte: Fotografia Annica, acervo da autora

Podemos observar que as narrativas se encontram mesmo nos lugares que elas mais predominam, o Quintal, a Rua e a Escola. É na Rua também que ocorre os jogos infanto-juvenis, em parceria com a Escola da comunidade, um evento que valoriza a forma de as crianças aprenderem sobre a cultura. Durante a festa, as crianças são as protagonistas das narrativas contadas por elas na Rua. A festa ocorre todo ano, no mês de novembro, com a presença de crianças de outras aldeias e das escolas do município.

Figura 08 – Jogos infanto-juvenis



Fonte: Fotografia Annica, acervo da autora

5.3. Escola

Como estamos tratando dos lugares de transmissão de histórias, pensando em como as narrativas são contadas e no local da narração, temos a Escola Indígena Pataxó Aldeia Velha. A escola tem o papel de auxiliar a comunidade no território e onde houver território, a escola também estará para dar seu apoio e definir, juntamente com a comunidade, a melhor forma de resolver as demandas, tanto da comunidade quanto da própria escola. Desta maneira, é na escola que todos os tipos de narrativas se encontram: as narrativas mitológicas, as narrativas de vivência/histórica e as narrativas de rua. Isso ocorre justamente por conta do apoio e troca de conhecimento que a escola oferece às famílias.

Figura 09 – Escola Indígena Pataxó Aldeia Velha



Fonte: acervo da autora

Por se tratar de uma escola intercultural, tem a autonomia de ser uma escola que valoriza entre outras coisas as narrativas da comunidade, a escola não só se encontra no centro da aldeia como também é o ponto de maior referência da comunidade o que facilita a movência das narrativas na escola. Claro que nela existe a obrigatoriedade de matérias existentes nas escolas “brancas”. Apesar das escolas irem para as Aldeias com intuito de continuar com a colonização, nós conseguimos reverter esse quadro a nosso favor e fizemos dela um amplificador da continuidade da cultura e língua, tornando-se hoje um dos maiores meios de contação das narrativas, trago alguns exemplos:

Quando o professor decide que a aula será no mangue, o percurso para chegar ao mangue dura pelo menos meia hora, nesse percurso vão contando narrativas vivenciadas como era antigamente, como os mais velhos viviam, do que comiam, era comum por exemplo os antigos comer caranguejos assado no mangue ou fazer comida na folha da patioba quando ia na mata, fazer o roçado ou catar palha para fazer artesanato, alguns ensinamentos só são ensinando

quando os lugares também narram uma história ou seja ao ver a folha da patioba no caminho faz o professor ou ancião lembrar de uma narrativa específica, por isso se sentir mais vontade para contar e tem o território como um auxílio para o melhor entendimento da narrativa.

Ou então:

Quando o professor faz uma aula para ensinar sobre as ervas medicinais, vão até a casa da pajé e no quintal a aula acontece, podendo ser também em uma caminhada pelo território pois tem muitas ervas medicinais espalhadas pela comunidade. Nesses casos as narrativas que saíram a luz não serão apenas das ervas medicinais, mas como os nossos antepassados descobriram para que ela serve e as vivências deles.

É muito comum os professores trabalharem com as crianças em suas aulas as narrativas de mitologia, levá-las para ter aulas com os anciões sobre plantas medicinais ou sobre como era a vida antigamente, sobre como eles trabalhavam para sobreviver, levá-los para conhecer o território (nessa caminhada entram as narrativas da retomada, de vivência, entre outras...), o professor indígena também faz com que os assuntos ensinados nas matérias obrigatórias venha para a nossa realidade indígena o que facilita a compreensão das aulas. A escola tem esse grande papel de estar sempre dando enfoque às narrativas da comunidade, dando continuidade à cultura dos nossos antepassados.

6. Narrativas do povo Pataxó e de Aldeia Velha

As narrativas são uma autobiografia da comunidade, no ato de contar os mais velhos deixam uma grande herança para nós, eles deixam suas memórias que são conselhos, ensinamentos e maneiras de resistir. Os anciões da comunidade de Aldeia Velha adoram conversar, se deixar, querem falar o dia inteiro, eles têm um leque de narrativas e, em muitos casos, a única coisa que querem é ter alguém para ouvi-los, e se tiver bons ouvidos, termina o dia sem saber como começou.

Neste capítulo, irei contar algumas das narrativas do povo Pataxó de Aldeia Velha, espero que o leitor esteja confortável e que, se puder, se imagine em um Quintal, em uma tarde fresca, em baixo de um pé de caju, tendo como pano de fundo os sons de um galo carcarejando, talvez um cachorro latindo ou até mesmo um passarinho cantando, coisas tão comuns em Aldeia Velha. Ao final do texto de cada história, há um *QR Code*. Por ele, você poderá ouvir o áudio da história disponível na plataforma *SoundCloud*.

Agora que estamos prontos, irei contar algumas narrativas.

Figura 10 - Parú



Fonte: acervo Parú

Histórias contadas por Parú

Maria Aparecida, mais conhecida como Parú, foi umas das primeiras professoras da Comunidade indígena de Aldeia Velha. Ela adora narrar as histórias vivenciadas quando criança e os aprendizados que sua mãe, a Pajé Jaçanã, lhe ensinou.

Sou Saci



Fonte: Desenho Produzido por Ruan Guedes

Tinha histórias de do Saci, que foi histórias real mesmo que aconteceu com meu tio, minha mãe sempre contava pra gente, que um dia meu tio, ele chamava... Moisés. Aí, ele foi pescar que na época, eles morava ainda lá próximo de Barra Velha, 'quela região de Barra Velha, aí meu tio pegou o samburá e foi pescar, né?, numa cachoeira chamada... cachoeira de Unildo lá próximo o rio da Guaxuma. E ele pegou e foi pesca.

Quando foi por volta de meio-dia, por volta de meio-dia, ele ouviu um assovio, tipo... como se dissesse assim: "Sou ci, minha pereba dói, dói, dói"... Só que falava em 'sovio, mas ele entendia que falava isso. Aí ele falou assim: "Que que isso, heim? Será que é alguém que está escondido por aí?"

Aí ficou ouvindo é aquele assovio cada vez mais se aproximando, ia se aproximando... se aproximando.

Aí quando ele olhou, saía de dentro do marimbú aquele pássaro grande, é mais ou menos mei' metro de altura o pássaro tinha. Preto, só uma perna, os olhos vermelhos, começou a pular na frente dele, aí na hora que ele... meu tio viu aquele pássaro pulando na frente dele, com aquele olho vermelho falando: "So um sá ci, minha pereba dói, dói, dói..."

Aí, ele saiu correndo, correndo, correndo... largou samburá, largou tudo pra trás, correu, correu, correu... até conseguiu subir a ladeira. Quando ele saiu na clareira da roça da casa onde eles morava, aí ele não viu mais é a pisada atrás. Aí, assim que ele chegou em casa, ele foi caindo e desmaiando. E aí minha vó correu, pegou ele, botou dentro de casa, e ele desmaiado sem falar, sem nada. Começou a fazer difumador, várias orações pra ele voltar ao normal. Aí, quando foi no outro dia, ele conseguiu voltar ao normal e minha avó perguntou a ele: "Meu filho, que foi que aconteceu com você, que você desmaiou daquele jeito que você ficou assombrado?"

Aí, ele contou a história pra ela, o que foi que tinha acontecido.



Caipora



Fonte: Desenho Produzido por Ruan Guedes

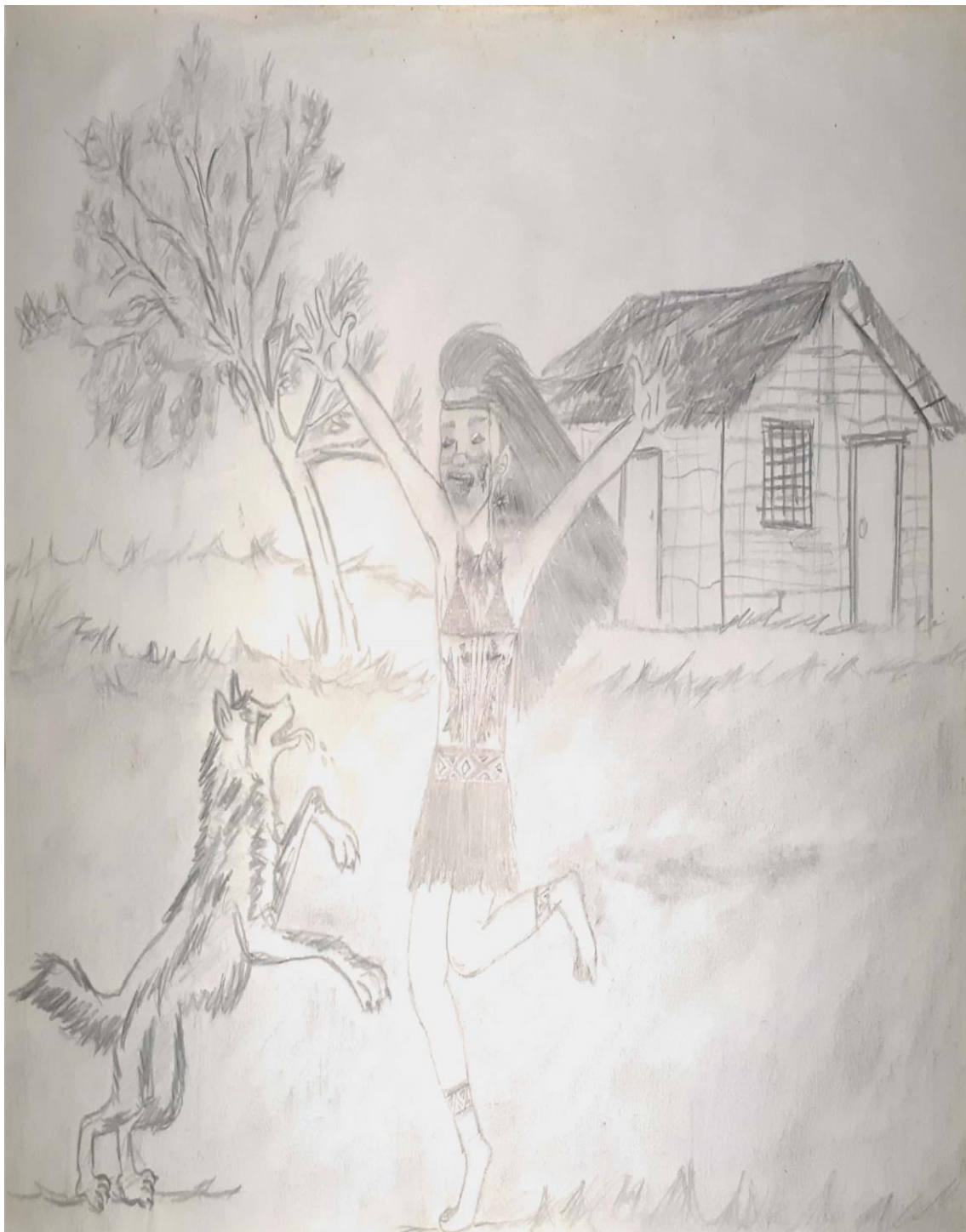
Contava da Caipora também, que já foi hipnotizado. Então, sempre que vocês forem entrá na mata, primeiro fala com Deus pra proteger vocês, porque na mata também tem os espíritos que a gente tem que pedir licença, porque cada lugar tem um protetor. Ele dizia sempre nas rodas de conversas, sempre eles falava isso pra gente, porque a gente tem que respeitar cada limite, assim como eles respeita nossos limites. Nós tem que respeitar o deles, ele sempre falava isso, né?, e eu acreditava, e sempre acreditei.

Tanto que uma vez, uma vez dessas rodas de conversa, a gente terminou aquela roda de conversa, aí ajeitamos a cama, né, é sempre que meus primos ia pra lá, durmia tudo junto. Botava a esteira na sala, todo mundo dormia junto, mermo que cada um tinha nossa cama, mas quando eles ia pra lá, a gente fazia questão de ficar todo mundo junto. Aí, quando foi uma dessa época que a gente fez a roda de conversa, deitamos era por volta de oito horas da noite, por aí, que a gente dormia cedo, começava a roda de conversa bem cedo, marro meno umas cinco horas da tarde, porque na mata, né?, como não tinha energia, não tinha 'nergia, não tinha televisão, não tinha nada disso. Aí, o que usava era o candeeiro, que a gente fala de candeia, aquele candierinho usado a querosene.

Aí, anoitecia rápido, né?, e aí a gente terminou a roda de conversa e todo mundo foi deitá, aí pouca hora, a gente ouviu na mata, como se algum ser ia tocando a boiada. Eu lembro muito bem que eu via... ela fala bem assim: "Vai ver a nega, vai ver a nega." Só que aquela voz grossa, como fosse acima da floresta, e aí a gente começou a ouvi: "Eu chamei mãe o que qu' é isso que tá falando?" Aí, ela falou bem assim: "Ah, minha filha, é a vovó." Falei: "Qual é a vovó?" Ela falou assim: "É a Caipora, é ela tocando a boiada, fica em silêncio que ela tá tocando a boiada dela." E a gente ficou em silêncio, e ouvia, e aquele grito passou como se fosse rodando a floresta, até sumiu. Então assim era muito forte, por isso quando eu mermo, quando entrava na mata, às veze eu tinha medo de entrar sozinha e, quando eu entrava, pedia a Deus pra poder me proteger.



Zaber-lo-lo



Fonte: Desenho Produzido por Ruan Guedes

Eu lembro também que tinha uma história que eu gostava muito que nem eu falei, né? Que é um... é um conto que minha mãe sempre contava pra gente que era o dá... dá Zaber-lo-lo, que era uma menininha que a mãe, ela era uma menina adotiva, só que a madrasta judiava muito dela, batia nela. Aí, ela foi crescendo, crescendo... com aquela magoa, né? E aí, uma madrinha dela deu uma cachorrinha pra ela de presente. Aí, quando ela já estava moça, ela já tava mais ou menos acho que uns 16 anos, essa Izabel, ela falou bem assim: “Eu vou fugi de casa, porque minha madrasta é bati muito em mim, eu vou fugir de casa.”

Aí, um dia que a madrasta dela saiu, ela pegou as coisa dela, fez a troxinha, aí botou na cabeça e saiu de estrada a fora, de mundo a fora sem saber, sem destino. Pegou a cachorrinha também, botô no colo e se mandou, foi embora.

E ela adentrou na floresta, andou, andou, andou... até chegou... conseguiu encontrá um riacho, ou seja um córrego dento da floresta, né? E ela falou bem assim: “Esse vai ser um lugá bom pra mim fazer um barraquinho pra eu viver. Como é próximo ao córrego, seria mais fácil de’la encontrá alimentos. Aí, ela fez o barraquinho, cortou é pau, palha e fez esse barraquinho e ficou lá, né? Se acomodou lá, né? Nesse barraquinho ela e a cachorrinha dela.

E aí quando foi uma noite, que’la tava lá, aí ‘pareceu uma voiz dizendo, cantava bem assim: “É Zaber-lo-lo, prende esse cachorro qu’eu já vô boca.”

Aí, a cachorrinha, como nos contos os animais fala, né? Aí a cachorrinha dizia, latia, latia... e no final ela falava bem assim: “Zabel já dormiu, Zabel já ninou.” E botava o bicho pra corrê, né? E aí, quando foi um dia, Izabel ouviu a voiz, Izabel falou assim: Ah... deve ser algum homem que me encontrou, com certeza ele qué casá comigo e minha cachorrinha não tá deixano ele chegar. O que que eu vou fazer?”

Ela pegou a cachorrinha e amarrou.

Aí, na noite seguinte, ele veio, e a cachorrinha tava amarrada, mema assim a cachorrinha botô ele pá corrê, não dexô ele encostá em casa. Aí de longe ele gritou: “Izabel, mata essa cachorra.”

Aí, ela falou bem assim: “Ah, com certeza ele que casar comigo.” Aí, ela foi e matou a cachorrinha, deixou a cachorrinha no cantinho da casa.

Aí, quando foi de noite, o bicho chegou de novo e a cachorrinha mesmo morta, o espírito dela é expulsava aquele bicho, aí ele gritava: “Porque você não queima essa cachorra?”

Aí, ela foi fez a fogueira no dia seguinte, pegou a cachorrinha quemou e deixou a cinza lá no cantinho. Mesmo assim, o espírito dela continuava ali, porque a cinza dela estava ali, o espírito da cachorrinha continuava protegendo Izabel, aí ele falou bem assim: “Pega essa cachorra, é a cinza dela que está incomodando, pega essa cinza e joga de córrego abaixo.

Ela pegou a cinza e jogou de córrego abaixo, e aí cada vez mais que ela ia fazendo isso, o espírito da cachorrinha ia se afastando da casa dela e ela ia ficando desprotegida. Aí, quando ela jogou a cinza no córrego, o bolinho de cinza desceu, mas tinha um pauzinho atravessado, aí ficou um restozinho de cinza enganchado, né? Que o córrego era fraco.

Aí, o bicho vei’, gritou mesmo assim aquele restinho de cinza que ficou ali enganchado conseguiu expulsá, né?, esse bicho pra longe. Aí, quando foi a noite choveu, aí com a chuva o córrego incheu e aí toda a cinza que tinha ali já não restava mais nada, aí limpou tudo, então que diz que o espírito da cachorrinha conseguiu se afastá por completo da casa de Izabel.

Aí, o bicho vei’ e gritou de novo: “É Zaber-lo-lo, prende esse cachorro que eu já vou bocá.” E aí ele não ouviu mais nada, como ele viu que a casa dela tava desprotegida, ele se aproximou, quando ele se aproximou que ela viu, não era um homem, era um mostro.

Era o pai da mata que queria devorá ela, e aí ela fechou a porta e a casinha era de palha, a porta de ripa, ‘quela ripa de juçara, que ela tinha feito de ripa de juçara, então não tinha segurança nenhuma. Ela tentou fechá a porta, mas ele abriu a porta. Entrou, matou ela e comeu, porque é aquela cachorrinha era como se fosse o anjo de guarda dela, que protegia, e ela não soube cuidar dele do anjo de guarda, né?, que ela tinha, e acabou se afastano.

Então é o que acontece hoje, assim, eu vejo essa história como os dias de hoje, Deus nós dá algo pra nos proteger, nossa cultura, nossa vivencia, e as vezes nós não sabemos cultivar e isso nos vai perdendo e uma das nossa proteção e nossas vivencia e cultura e se a gente não proteger vai ficar totalmente desprotegido, né?



Figura 14 - Ypê



Fonte: acervo Ypê

Histórias contadas por Ypê

Silvino Lopes, mais conhecido como Ipê, é um dos grandes nomes da Comunidade indígena de Aldeia Velha. Foi ele quem organizou as famílias para iniciar o processo da retomada. Cheio de narrativas para contar, preserva os ensinamentos dos nossos antepassados, porém nem tudo deve ser contado ou escrito. No meio da nossa conversa, me contou esta linda narrativa.

Macaco da Noite



Fonte: Desenho Produzido por Maria Clara

Veze, quando nós chegamos aqui, vou contar só um poquinho, né?, quando nós chegamos pra aqui, isso foi em 90...2 né?... em 92. E aí, quando a gente ocupô, a gente não ficamos aqui, nós ficamos na beira do rio, né?, e da beira do rio Buranhém nós mudamos pra mata, que é a reserva, né? Aí, fiquemo lá um bom tempo, e só que naquela época tava todo mundo num barracão, né?, na barraca muito grande, que vivia todo mundo junto. E aí, quando foi uma noite, chegou uns macacos na beira do barraco, né?, entendeu?...

Esses macaco e tal gritando na beira do barraco e tinha um rapaz chamado Otelino, né? Esse Otelino foi e diz assim: “Eu vou matá um macaco daquele.”

Aí, pegou a espingarda, e que tem o macaco do dia e o macaco da noite. Esse era o macaco da noite, né? Aí, ele pegou a espingarda e foi pra lá, foi sozinho. Aí, daqui a pouco, ele deu um tiro pra lá, né? Aí, depois ele gritou: “Traís uma espingarda aí pra mim, que’u perdi o tiro do macaco, tá ‘qui, tá chumbado macaco.”

“Tá bom”.

Aí eu fui, né?, peguei a espingarda e fui. Quando cheguei lá, aí só que fui com a lanterna, aí quando cheguei lá, botei assim na cara do macaco e então tava aquela duas tochas de...de...de olho do macaco. Mas só que era diferente, não era assim, era dava de toda cor, né? Aí ele: “Atira no macaco.”

Eu disse: “Não. Não vou atirar não. Você atira, né?”

Aí, ele atirou no macaco, aí atirou no macaco. Mais só que esse macaco, ele não correu, ele não saiu de canto nenhum e ficou naquele lugar, sempre ali, e daqui a pouco foi caindo aquelas brasas de fogo toda cor azul, assim. Você num viu? Num sabe como é que é um arco-íris? A merma cor. Tinha... tinha uns fogos de toda cor.



Fonte: Desenho Produzido por Ruan Guedes

Aí, quando eu vi aquil' ali, que tava caindo aquelas faíscas, que tava caído ali no chão, 'tendeu? Aí, eu achei, achei que naquele momento num era macaco, aquilo ali era outra coisa. Aí eu falei pra ele assim: "Otelino, vam 'bora pro barraco." Aí chamei ele, ele nem percebeu que que tava acontecendo, né? Aí, diz: "Éeee menino, deixa esse macaco, foi embora o macaco, 'bora," aí e vim pro barraco. Aí, quando foi no outro dia, quando fui falar pra ele: "Ohh, aquilo ali não era macaco não, aquilo ali era uma coisa que de outro mundo, porque você atirou no macaco, ele saiu só aquelas brasas de fogo.

Aí, ele diz: "Ah, foi mesmo, eu vi também."

Aí eu diz: "Cê viu?"

"Eu vi."

"Pois é, cê atirou no macaco, o macaco não correu e começô a cair aquelas brasas de fogo de lá pra cá, de toda cor.

Aí diz assim: "Pois é, rapaz, eu percebi mesmo."

Eu digo: "Pois é, ali não era macaco, não."

Então, umas histórias que geralmente aconteceu com a gente, depois que nós chegamos pra 'qui.



Dona da Mata



Fonte: Desenho Produzido por Maria Clara

Aí quando nós chegamos pra qui logo próximo que não tinha morador lá pra baixo, entendeu? Que só tinha só umas pastarias, não tinha ninguém pra lá “é quando a gente foi lá pra baixo só tinha, tia D’ajuda também” “É poisé”. E antes de Dona D’ajuda ir pra lá, né” “hunrum”.

Tinha vez que eu levantava, eu morava sozinho na quela casa ali, eu levantava, acordava, aí sempre eu gostei de sair assim fora pra ouvir, né, o movimento do tempo, né. Aí eu via, tinha uma pessoa é que tava batendo pilão no café, né. Tava pilando o café porque o pessoal antigo ele pilava café, né no pilão, aí invés dele secar o café na torradeira e ficava “pouh, né” é porque não foi seu tempo, mas no meu tempo, né, no tempo de Seu João ele sabe também como que é de seu avô, né.

Aí e eu saia assim fora e eu ouvia uma pessoa fazia assim “Tãaaooo” mais aquilo era uma porrada muito forte, e saia lá pra baixo, né, aí tornava a bater de novo “Tãaaooo”. Aí eu ficava pensando “Uai quem é que tá pilando café lá pra baixo”, né, na minha mente, né, “Quem que tá pilando café pra lá porque, não sei quem é será que alguém que mudou pra lá tá pilando café”, mas num era cê, entendeu? Aí batia assim umas duas, três, quatro vezes, assim e parava. Mas era aquela pancada muito forte.

Então são umas historias que já aconteceu, eu vir, né. Eu vir, acontecer isso, né. Agora eu não sei quem é que tava pilando esse café.

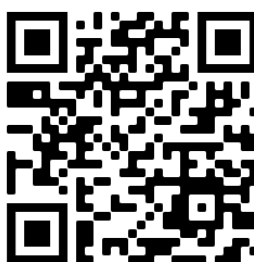


Figura 18 - Joselito



Fonte: Acervo Tânia

História contada por Joselito

Nascido na Aldeia Caramuro – Itajú do Colônia, no ano de 1943, hoje, Joselito mora no município de Santa Cruz de Cabrália, gosta de fazer artesanato de madeira reutilizável e de contar narrativas. Ele é uma das nossas bibliotecas vivas, portador de grande conhecimento da cultura Pataxó.

O bambu de Elefante



Fonte: Desenho Produzido por Ruan Guedes

Como o tema era história contada, como era as coisas antigamente, como acontecia as coisas antigamente, que nós não tinha ciência de tecnologia, nem da ciência... E as coisas era feita, vamos dizer, de acontecimento por a caso, vamos supor a história da cana de açúcar mesmo, como começou...

Tinha um caboclo chamado Nego Dá, que ele era caçador de abelha. Pra que? Que ele era caçador de abelha pra tirar o mel, porque não existia açúcar. Então, o açúcar que existia era um mel de abelha pra fazer, adoçar, fazer bolo, fazer todas as coisas era com o mel. Aí, um dia ele saiu numa caçada de abelha e, quando chegou umas certas horas assim, que deu uma vontade d'ele fazer o lanche, ele foi pra beira d'um córrego. E lá, com latinha de farofa, foi fazer o lanche, fez o lanche, deitou e ali tomou água. Deitou e 'garrou no sono, dormiu.

No que ele 'garrou no sono, ele teve um sonho que tinha milhões, muitos milhões de abelha, querendo matar ele. E aí provocava, umas dizia assim que ia matar, outras não concordava matar, porque não era só ele caçador de abelha. Tinha vários caçador de abelha no mundo, então elas não ia ter lucro em matar ele.

Ao que arresutô? Resultô que nasceu uma ideia das abelha: "Em porque, ao invés de nós matar, porque nós não ensina ele fazer o mel da calda do bambu de elefante?" – que eles nem chamava cana. Era o bambu de elefante, porque era a comida dos elefante antigamente.

Aí, acontece que ele teve aquele sonho e aí elas ensinô a ele no sonho. Como ele fazia que pegasse o bambu de elefante, batesse, torcesse, tirasse a calda, fervesse até apurar. Aí fervendo, tirando a espuma, jogando fora e o que ia sobrar ali era o que sobrava era o mel, era o doce.

Ele assustô do sonho e acreditô no sonho que ele teve e ele foi pra casa. Chegou em casa sem mel nenhum que ele não achô. Mas aí ele chegou, foi no lugar onde tinha os bambu de elefante. Quando cortô os bambu de elefante, levou pra casa e bateu, torceu e botou no fogo e preparou do jeito que as abelha ensinô a ele fazer no sonho. E ele fez, daí, com o aumento da fábrica de mel que ele foi fazendo, passando de mão em mão, passando pra mais família, passando pra mais família, chegou ao ponto d'ele fazer de uma certa quantidade que ficou aquilo, ficou muito tempo lá. Depois, quando ficou muito tempo, aquilo açucarou, que o mel vira açúcar mesmo. Aí, depois que nasceu a ideia de fazer as canas, o açúcar das canas.



Figura 20 - Daje

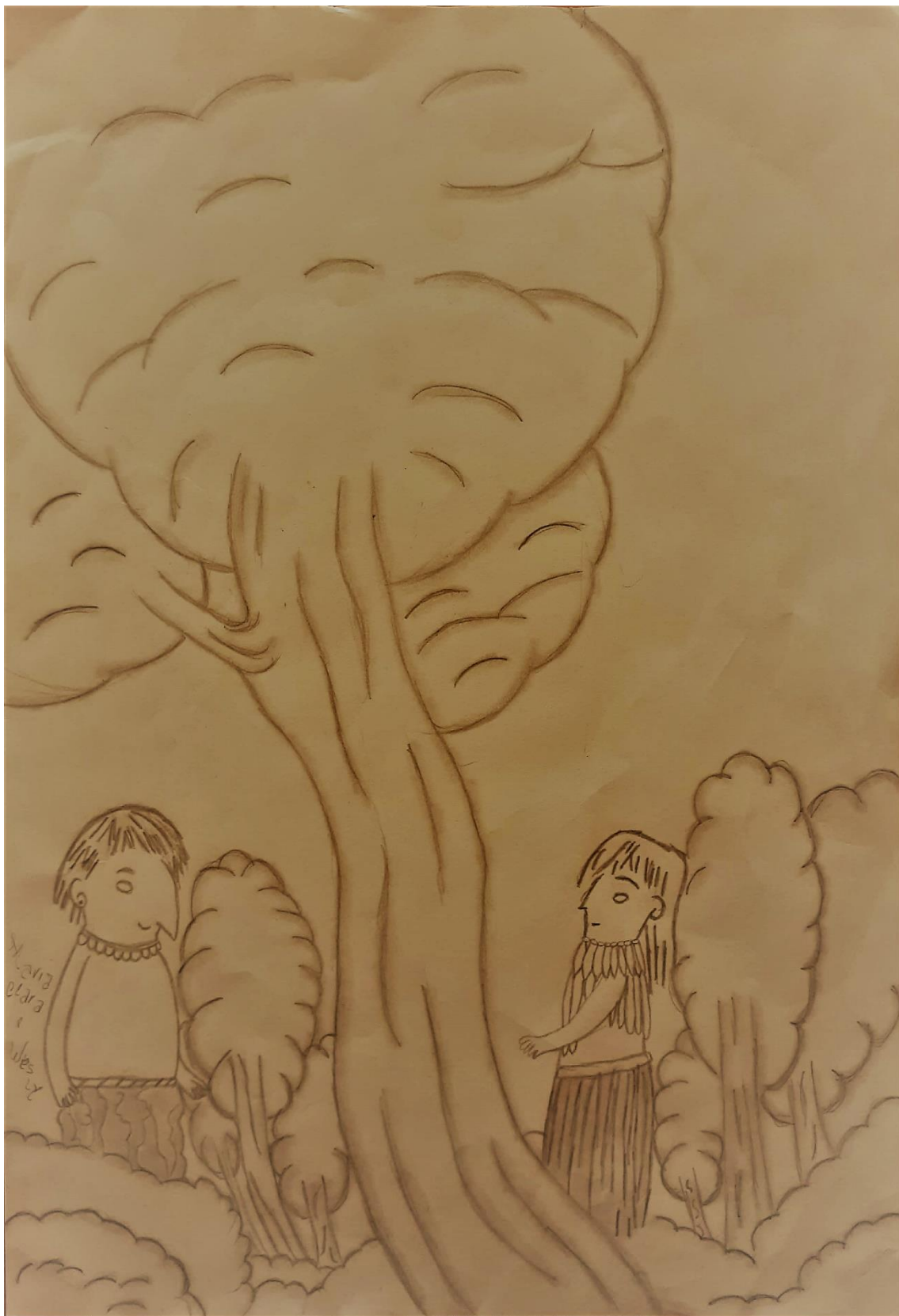


Fonte: Acervo Daje

História contado por Maria D'Ajuda

Mais conhecida por Daje, Maria D'Ajuda atualmente mora na Aldeia Boca da Mata. É professora e ama narrar para as crianças. Tem um jeito próprio de contar, faz qualquer narrativa ficar legal e todos param para ouvi-la.

Mãe da Lua e o Bacurau



Fonte: Desenho Produzido por Maria Clara

Quando eu era criança, minha avó sempre me contava a história, né?, eh... da Mãe da Lua e o Bacurau eh... sempre à noite, a gente ouve um pássaro que fala: “Amanhã eu vou, amanhã eu vou...” E o outro fala: “João foi, foi, foi...”

E aí, eu com curiosidade perguntando: “Vó, porque um pássaro fala dessa forma e o outro fala “João foi, foi, foi”? E aí, minha vó começou a me contar a história que era a Vó da Lua e o Bacurau.

Vó Edite me contou assim: a Vó da Lua e o Bacurau eram namorados, né? Sempre quando eles iam namorar, né?, na floresta, ela quase não falava nada. Vó da lua não falava nada. Aí, sempre falava, né?, bem baixinho e fazia um biquinho pra falar, ela falava bem assim: “Huu, meu amor...” Dava um beijo no Bacurau e sempre falava com um biquinho. Aí, todo mundo já sabia, né? Mas o namorado dela, o Bacurau não sabia, porque que ela falava d’aquele jeito. E aí eles namoravam, namoravam...

E eles resolveram se casar. Aí, marcaram o casamento, convidou todo, né? Todos os animais da floresta, a onça, né?, os pássaro, o macaco, o catitu, a cutia, todos os animais. E aí, o Bacurau, ele não tinha roupa, ele não tinha roupa, né? A roupa que ele tinha, as pena era feia mesmo. Aí todo, o tucano, juntou o tucano, papagai’, a arara, o bem-te-vi, juntaram. Cada um deu uma peninha pra ele, o Bacurau ficou bonito.

Você pode observar que hoje, o Bacurau, ele tem penas diferente. Foi por causa dessa festa de casamento, que os outros pássaro fez essa roupa pra ele e o Bacurau ficou lindo, foi pra essa festa do casamento dele.

E a Vó da Lua lá também toda bonitona, aí todo mundo sentado. Conversa vai, conversa vem, o macaco, como ele é esperto e astuto, né?, e também muito brincalhão, sabia que a Vó da Lua guardava um segredo, né? A Mãe da Lua guardava um segredo e aí o Bacurau junto da Mãe da Lua, os dois ali, super feliz. O macaco vai e fez uma graça, né? Uma graça, e aí todo mundo riu. Assim, eu esqueci de falar que a Avó da Lua falou bem assim: “Minha filha, na hora que cê for casar, você não pode dá risada, porque você tem uma boca muito grande. Se você der risada, você vai, você vai espantar o bacurau e ele não vai querer mais casar com você”.

Aí, tudo bem, né?, ela guardou esse pedido da avó dela.

Aí, a Mãe da Lua, pegou e... quando tava no casamento, né?, o macaco cheio de graça falou, eh... aí contou uma piada. E aí todo mundo, os animais

todo sorriram: “Hahaha”. E a Vó da Lua, com a boca tão grande, não obedeceu o pedido, e aí ela acabou rindo também: “Hahaha”.

Quando ela rio “hahaha”, abriu uma boca enorme e ali já era, né? O bacurau se assustou coitado, saiu correndo, nem as roupas, nem as penas não devolveu dos outros pássaro.

Ele até hoje, ele se esconde, e à noite você pode esperar, você pode observar e ouvir muito bem o Bacurau sempre... Aí a Mãe da Lua sempre fala bem assim: “João foi, foi, foi”. Porque ele era conhecido como João e aí ela falava: “João foi, foi, foi”. E ele responde de lá: “Amanhã eu vô, amanhã eu vô...”

E até hoje João não voltô com medo da boca da Mãe da Lua.



Figura 22 – Seu Bené



Fonte: Acervo Pio

Histórias contadas por Seu Bené

Mais conhecido como Seu Bené, Benedito Valério é um grande contador de histórias, aprendidas com o avô e em suas andanças pelo mundo. Ele está sempre ensinando as crianças que vão até ele. É também um belo exemplo de que o seu quintal estará sempre te esperando para um café ao redor do fogo.

Dois Gatinhos



Fonte: Desenho Produzido por Ruan Guedes

Eu vim de uma cidade chamada Linhares. Ali, eu passei minha infância e minha juventude. Porém, meu avô, que fui quase criado com ele, ele me educou até onde pôde. E a qual pude aprender muitas coisas boa com ele, chamava-se João Jucarli Pedro Alves. Porém, um certo dia, ele tava contando pra mim:

“Oh, meu neto, quando cheguei aqui em Linhares, na fazenda Califórnia, existia muitas pessoas de toda qualidade e perigosos, e eu trazia minha... a minha esposa, ela tinha uma silhueta muito bonita e a qual eu... eu me sentia ali mei' ciuando, porque todo mundo olhava pra ela. Eu num tinha nem 24 horas de fazenda, cheguei recente naquele momento.

Aí, pequei minha espingarda e saí para fazer uma caçada. E as pessoas que tava ali por perto, olhava um para o outro e dava uma risada, como tava me desfazendo, da minha pessoa.

Aí, saí eu, co 'aquela espingarda. Quando cheguei em certo lugar, olhei para a lua, ela estava saindo naquele momento, cheia, era quase cheia. Quando eu olho para frente, lá vem uma onça. Subiu sobre uma árvore que tava derrubada e de cá fiquei olhando. e logo 'pareceu outra. Aí, o que eu fiz? Fiz apontaria com minha espingarda, matei uma, depois matei a outra.

Aí cheguei lá, ai voltei, deixei elas lá, assim dizendo meu Vô: 'Deixei ela lá, as duas onça lá e voltei pra junto da fazenda.'

Aí, chamei os pessoal lá: 'Ô, meninos, vocês pode me ajudar trazer dois gatinho que acabei de matar ali?'

'Eeh...' já chegou assim, eles debochando d'eu: 'Senhor já chegou, já matando, dois gatinho?'

'É, uns gatinho que dá uns 15 quilo cada um.' Aí, a turma assim, botou seus facões na bainha: 'Então vamos lá, Seu João.'

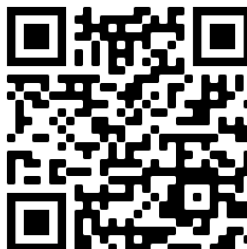
Quando chegaram lá, encontraram foi duas onça. 'Rapaz come que cê faz um papel desse rapaz, cê falou que isso aí era gatinho, mais isso aí é umas fera, é umas fera, vixi.' 'Tendeu?'

Aí, peguemo um pau, 'marremo os dois, eh... arquiamo as onça e truxemo para nossa junta lá da fazenda. Aí, daquele dia pra cá, todo mundo olhava pra mim com respeito. Eu pequeno, minha esposa grande, minha esposa ela era

descendência africana e meu avô é descendência de indígena. E assim passemos ali belos dias daquela fazenda Califórnia.”

Então eu quero dizer isso, eu ouvindo, eu como neto ouvindo aquilo, a gente olha hoje pelo... pelo sistema dos... das pessoa, uns respeita o outro e o outro não respeita, né? Quer dizer, se não tivesse ‘contecido esse caso e esse fato com meu avô, de repente aquela turma lá, não ia bem receber meu avô, né? Não ia respeitar meu avô, né?

É isso que eu olho que tem causos que ‘contecem em nossas vidas de bom, que, né?, é uma história assim, que é um pensamento desse, eu não levo nem como história, mas como um pensamento de acontecimento.



Onça



Fonte: Desenho Produzido por Ruan Guedes

Passado uns tempo, esse dito meu avô, já contava um outro sentido. Ele tinha uma sorte de contar sobre onça. Aí, na outra vez, ele pegô a espingardinha dele, na outra vez, e saiu bera chão, que a terra lá era terra de pântano, é assim tipo marítima, né? Que a fazenda Califórnia, ela faz extremo com povoação, e povoação é uma área marítima. Então tem lugar que barro... que terra de barro... e tem lugar que terra de areia. Então, ele pegô uma vereda assim e quando ele olha pra frente, olha outra onça, lá. Que lá era assim, logo quando começou Linhares, entendeu? Era tudo mata Atrântica, né? Então tinha muita caça, tinha muitos animais, muitas feras.

Aí, ele olhou assim a base uns 200 metro mais ou menos. Ele viu aquela onça, ele: “E agora, eu não tenho pra onde, eu não caí na mata, que aqui é mata, lado de cá é mata, quê que eu tenho que fazer?” Ele desmaiou, caiu desmaiado ali.

E lá vem ela devagar, serena, que onça é assim, ela é desconfiada, mais é meio... cá qué coisinha também, ela vira um relâmpago. Ela chegou perto, quais perto dele assim. Viu ele caído lá no chão. Aí foi se aproximando devagar, devagar, quando chegou mais ou menos uns cinco metros, ela parou estalou assim. Aí, de cá ela deu um pulo em cima do peito dele assim. Aí, ela ‘regaçou as unhas, que as unhas é escondida na mão. A mão dela é fechada, só que quando ela ‘regaça a mão, a unha pula, aquela unhona, né? Foi no canto do zoim dele assim, oh?, pá vê se ele piscasse, ele tá vivo e ela: “Uuuuuuuuu”.

Mas ele manteve, ela viu: “Esse aí tá morto mesmo”. Aí, virou os quarto por lado dele assim e ficou olhando pra lá assim ó: “Onde que ela vai achar outra caça, né?, uma caça viva. Esse aí, esse aí já tá um presunto, já tá morto.” Então...

Aí, ele levantou divagar, por trás dela, e o cabo dela só assim oh, pra lá e pra cá. E aí teve uma hora que parou. Quando parou, ele juntou com toda sua força, com todo o seu poder de força e segurou e deli um grito, assim um grito que alarmou é de alarme mesmo: “OONNÇA DIACHO!!!” E segurou mermo.

Mais quanto mais ele gritava, a força istatalou na mão dele assim e o coro na testa da onça estalou assim, oh, e rasgou. E ela saiu de dentro daquela roupa, daquela capa, e foi embora só a carne e ficou a roupa dela na mão dele. Dizendo

ele, dizendo ele que pegou essa roupa, essa roupa da onça encheu de banha, socou direitinho. Fez outro formato de uma onça, diz ele que está lá no museu de Linhares. E como de fato eu como neto fui lá e vi mesmo, eu sou testemunha.

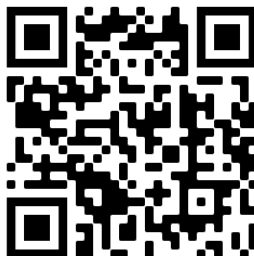


Figura 25 – Antônia Pataxó



Fonte: Acervo da Autora

História contada por Antônia Pataxó

Antônia Gonsalves da Silva, mas conhecida por Andxuaha Pataxó, cresceu em um ambiente cheio de narrativas e em uma noite, ao redor do fogo, resolveu contar essa linda narrativa, a qual nunca tinha contado.

Maramassa e o caranguejo



Fonte: Desenho Produzido por Maria Clara

Minha avó, que é a bisavó, eh... tem uma infância muito bacana. Lembrança dela que hoje não tá mais entre nós. Mas ela tinha um costume eh... interessante eh... na minha infância, de juntar os netos eh... ao seu redor. Ela começava a contar algumas histórias eh..., ou seja, além das histórias que ela contava né?, ela ensinava a gente a rezar o rosário e as orações que ela fazia. Entre essas conversas que ela tinha com a gente ao seu redor ela contou... contava várias vezes uma história. Um conto eh... que ela tinha, que ela tinha aprendido com a mãe, com avó e passava, e passou pra gente também, por seus netos, né?

Eh... isso foi num dia, a gente fazendo um cozinheiro, um almoço, um jantar. Nem lembro mais como que foi direito, se foi um almoço ou um jantar. E a gente gostava muito de comer os mariscos e, dentre esses mariscos, tinha o caranguejo. E aí a gente achava interessante o formato do desenho das costas do caranguejo, dos casco do caranguejo, que tinha o formato de uma sela, né? Sabe como é uma sela que você põe em cima do animal e o caranguejo tem esse mesmo formato? E aí, um dia, a gente perguntou pra ela: "Oh, vó, você sabe porque que o caranguejo tem esse formato, esse desenho tão interessante parecido uma sela?"

E aí passou a contar pra gente, falar que:

"Um belo dia, avó dela contando, falando pra ela que Nossa Senhora, a mãe de Jesus, vinha a beira mar e a maré estava cheia e ela não sabia se a maré era cheia ou vazante. E aí, ela encontrou, viu um peixe na beira da água e perguntou pra esse peixe: 'Maramaça, a maré tá cheia ou vazante?'

Aí a maramaça responde, repetia o que ela dizia: 'Maramaça, a maré tá cheia ou vazante?'

E aí, com aquilo, ela ficou assim, parou, pensou e tornou a perguntar: 'Maramaça, a maré tá cheia ou vazante?'

E a Maramaça continuou a repetir. Desde aí, ela chegou e falou: 'Pois então, Maramaça, sua cabeça ficará virada pras costas, você vai enxergar as suas costas e não a sua frente, você vai nadar com sua barriga pro chão, pra areia e olhar pras costas, por cima da sua cabeça.'

E assim, a Maramaça ficou. E aí ela foi lá e viu o caranguejo, o caranguejo vinha andando com suas patinhas indo pra lá e voltando e ela perguntou: 'Caranguejo, a maré tá cheia ou vazante?'

O Caranguejo abaixou, deitou na areia, e Nossa Senhora sentou em cima do seu casco e o Caranguejo atravessou a Nossa Senhora nesse rio, para que ela não se molhasse, não afundasse. E por isso o Caranguejo tem aquele formato de uma sela que, segundo a história, fala que a sela ficou o formato do acento de Nossa Senhora.”



Fonte: Desenho Produzido por Ruan Guedes

E assim a gente escutava esses conto que ela falava e a gente vê que a Maramaça tem a cabeça virada pras costas, o Caranguejo com formato de uma sela.



Figura 28 – Samaritana Rocha

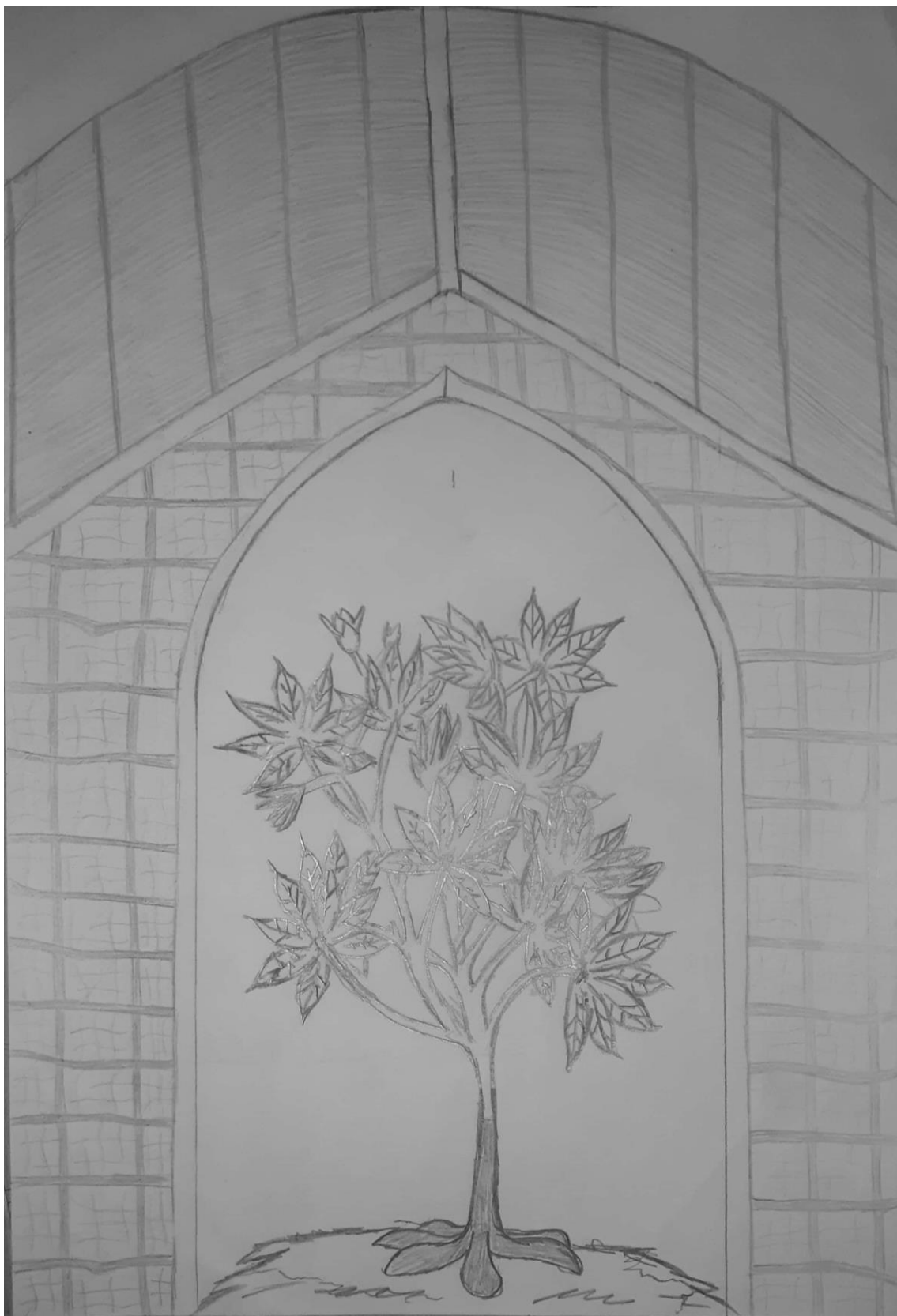


Fonte: Acervo da autora

História contada por Samaritana Rocha

Sempre gostei de ouvir narrativas e não poderia deixar de contar esta que conta sobre um dos alimentos mais usados na cultura Pataxó.

Mandi



Fonte: Desenho Produzido por Ruan Guedes

Na Aldeia, a gente costuma fazer as noites culturais, que são noites em que a gente dança, canta, faz o awe. E... quando a gente para de dançar, a gente costuma ir ao redor da fogueira, pra conversar, né? Tem também as contações de histórias e, uma certa noite, eu ouvi o Mito da Mandi, que é o Mito da Mandioca.

Os mais velhos costumam contar que Mandi era uma índia muito bonita, tinha uma beleza extraordinária e que até fazia inveja as outras índias. Certo dia, ela acorda muito doente, doente mesmo, e seus pais não sabem o que fazer. Então manda chamar o pajé, mais eles, mais o pajé morava um pouco longe do local onde Mandi morava. E quando ele chega, ela não tinha resistido, ela acabou morrendo.

E aí, a aldeia inteira começa a chorar, fica triste, porque ela era uma índia muito boa. E os pais não conseguem se separar de Mandi e resolvem enterrá-la na oca dela.

Após um tempo, o pajé vai visita a oca e vê que no lugar onde Mandi havia sido enterrada, porque a cova dela não tinha sido uma cova muito profunda, havia nascido uma planta de raiz funda. E o pajé ficou maravilhado, porque Mandi não havia morrido, ela havia se transformando, né?

Decide chamar a aldeia inteira pra ir ver a planta e eles dão o nome da planta de Mandi – oca, que é o nome de Mandi e o local onde ela nasceu. E essa planta é conhecida por todos, né? É muito presente na cultura pataxó. É dela que a gente faz o cauim, que faz a farinha, o beiju é um... e um alimento muito... é um alimento... muito presente na nossa cultura.

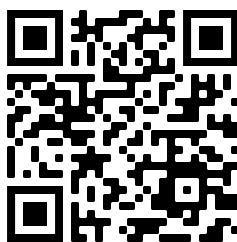


Figura 30 – João do Sol



Fonte: Acervo da Autora

História contada por João do Sol

João Marques da Silva, mais conhecido como João do Sol, sua narrativa foi a inspiração para fazer essa monografia. Nascido em Vale Verde um antigo acampamento jesuíta, nômade por natureza é uma das nossas bibliotecas vivas, suas narrativas sempre contam da sua coragem, força e resistência.

Delegado

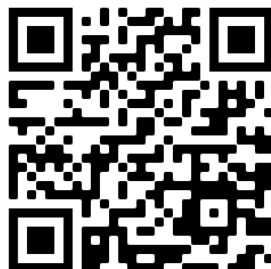


Fonte: Desenho Produzido por Ruan Guedes

E nesse período que eu tava lá... o próprio... que tava tomando conta de lá de Itaquena, quer ia tomar umas terras que o irmão do meu cunhado tinha lá, né?, era registrado e titulado essa terra e ele imprecou pá tomar, aí foi a causa de ir pra justiça, 6 anos de justiça nós trabalhamos pá poder vencer, né, aí ele me veio, né, o pai do meu cunhado e o pai do irmão do meu cunhado, me veio pra mata, aí quando eu vir que eles ia mata o pai do meu cunhado, eu disci aqui pra Porto Seguro e avisei a eles, aí o advogado, encontrei com o advogado chama Doutor Casilano, aí Doutor Casilano já tinha um júri... que aqui não tinha comarca não, a comarca era uma casa que tinha histórica que vai pro paquetá, aí eu cheguei e ele comentou eu me apresentou pro juiz de direito que era Doutor Antônio, aí eu contei tudo direitinho, e aí o Doutor Antônio me confiou em mim porque eu falei a verdade e aí quando veio um dia vim cá avisa eles de novo, aí quando nos decidimos na praia de Mucugê pá ir pro rio da barra e taípe, quando ele levantou meteui repetição no vêio, quando meteui repetição no vêio eu não vou negar eu tava armado também, eu tava com revólver na cintura e eu segui em cima dele, falei pra que era duas queda, era o pai do meu cunhado e ele também aí ele se chamava, esse criminoso chamava... eu cheguei falei pra ele disse “ôi... disse que não tem questão comigo, mas já pegou porque eu não vou deixar meu cunhado morrer nas suas mãos, se tiver junto comigo morre todos três”, aí então foi isso que nos trabalhamos, né aí foi obrigado que o pai do meu cunhado tinha um gadozinho lá vendeu tudo para pagar um advogado, foi 6 anos. Mas aí eles viraram pá querer me matar lá também né, mas não conseguiu não que ainda tive um pé que nos quebramos, derrubamos uma casa aos impulsos lá com o criminoso, né e o criminoso que ia matar o pai do meu cunhado chamava Cassimiro.

Aí foi a ponto quando doutor Antônio mudou, oi embora veio outro com nome Doutor Ivan, aí doutor Ivan quando viu, aí ele botou eu como delegado lá em Itaquena, Trancoso a Caraiva e aí depois ele mandou eu procurar esse criminoso aí eu fui, levei 6 mês, procurando esse criminoso e não encontrei. Mas quando na volta tem um lugar, duas cidades, né por nome Itamarajú e Prado entre Tamarajú e Prado tinha uma aldeia, aí eu entrei na aldeia e fui indagando, indagando, indagando... aí um diz “Ah ele já morreu, e quem matou ele interrou e botou fogo”, aí ele veio e ainda mostrou o lugar.

Aí foi qu'eu pude vir embora e falar com o juiz qu'eu não encontrei e já tinham matado ele, então por isso, que eu fui também perseguido lá pá poder, aí eu também não quis dá parte de Moaci, então por isso tá tudo perdido lá, eu faço questão que qualquer momento eu receber com nada pela metade.



7. Considerações Finais

O estudo das Narrativas Pataxó em Aldeia Velha possibilitou uma nova compreensão das narrativas, de como elas se manifestam dentro do território, pois antes parecia que só ouvíamos narrativas nas noites culturais e na escola, entretanto como foi mostrado neste trabalho as narrativas percorrem por toda comunidade contando a autobiografia coletiva da comunidade. Dentre esses lugares nas quais as narrativas percorrem quis trazer alguns locais que pude identificar que havia uma maior circulação de narrativas que são os Quintais sendo esse um lugar mais familiar é onde os pais, os avós passam seus ensinamentos para os filhos, vizinhos, crianças e visitantes. No Quintal a conversa é livre são ensinados desde o plantio da roça à narrativas de vivência, a Rua é onde as crianças brincam e mostram a forma de como aprendem sobre a cultura e os ensinamentos dos pais, da escola e a Escola que tem o papel importante que não é apenas ensinar a escrita, mas ensinar a cultura, a língua e os ensinamentos do mais velhos, a Escola é um ponto de apoio para a comunidade.

A partir das observações feitas das narrativas percebi o quão profundamente estão ligadas a cultura e língua do povo Pataxó e de como contamos as mesmas histórias as vezes até parecida, mas com características da realidade de quem narrar, isso ocorre porque não memorizamos as narrativas, mas sim porque ouvimos e ao narrar agregamos com contextos da realidade do narrador.

Assim aprender como as narrativas se manifestam dentro da Comunidade de Aldeia Velha é também entender as memórias históricas do povo Pataxó, pois quando houve o processo de retomada no ano de 1998 os indígenas que participaram estavam em constante luta pela recuperação da identidade cultural e linguística, vale lembrar também que esses indígenas não moravam em aldeia ou nunca tinha morado antes e tinham sofrido com os vários tipos de violência.

Tendo isso em vista esta monografia vem com intuito de frisar não só para a comunidade acadêmica, mas como também para o povo pataxó e para a Comunidade indígena de Aldeia Velha, que as narrativas não estão morrendo ou se afastando. Mas que elas estão em sentido de movimento, as narrativas não são estáticas é preciso saber olhar, temos o exemplo dos Locais, em quase

todas narrativas que coletei para fazer o capítulo Narrativas do Povo Pataxó e de Aldeia Velha as narrativas foram passadas pelos avôs e a conversas foram feitas nos Quintais, com exceção das observações das narrativas das crianças que foi na Rua. Percebi que dá mesma forma que criamos meios para sobreviver, resistir e continuar na luta, que também sofreu uma modificação, hoje a luta é principalmente com o papel, as narrativas também passaram por sua modificação o que antes ouvíamos principalmente ao redor da fogueira, hoje são nos Quintais, nas Ruas com as crianças brincando de Cultura, na Escola com aulas interdisciplinares que levam as crianças para conhecer o território e as narrativas da comunidade e desta forma os ensinamento são passados.

8. Referências:

CARDOSO, Thiago Mota; BUENO, Maíra (Orgs). *Aragwaksã*: Plano de gestão territorial do Povo Pataxó de Barra Velha e Águas Belas. Brasília: Funai, 2012.

PATAXÓ, Kanátyo. TXOPAI E ITÔHÃ. Mito narrado por Apinhaera Pataxó (Sijanete dos Santos Brás) e escrito por Kanátio Pataxó (Salvino dos Santos Brás), texto impresso e divulgado pelo PROGRAMA DE IMPLANTAÇÃO DAS ESCOLAS INDÍGENAS DE MINAS GERAIS. SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS – SEE/MG. Belo Horizonte, 1997.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Site do Instituto Socioambiental, uma organização não governamental que tem o objetivo de defender bens e direitos sociais, coletivos e difusos, relativos ao meio ambiente, ao patrimônio cultural, aos direitos dos povos indígenas do Brasil. O site do Instituto disponibiliza diferentes informações sobre os povos indígenas do Brasil. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/povo>>. Acesso em: 6 ago. 2020.

BOMFIM, Anari Braz. *Patxohã, “língua de guerreiro”*: um estudo sobre o processo de retomada da língua pataxó. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

ALCOFORADO, Doralice F. Xavier. O conto popular. *Revista Lusitana*. Nova Série. Lisboa, 1985, v. I, n. 6. p. 67-79.